

Consumo e Tráfico de Drogas nas Universidades

Sara da Silva Beça

Dissertação de Mestrado em Medicina Legal

2014



INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOMÉDICAS ABEL SALAZAR
UNIVERSIDADE DO PORTO

Consumo e Tráfico de Drogas nas Universidades

Sara da Silva Beça

Dissertação de Mestrado em Medicina Legal

2014

Sara da Silva Beça

Consumo e Tráfico de Drogas nas Universidades

Dissertação de Candidatura ao grau de Mestre em Medicina Legal submetida ao Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar da Universidade do Porto.

Orientador – Laura M. Nunes

Categoria – Professora Doutora

Afiliação – Universidade Fernando Pessoa

Aos meus pais e ao Joca

*“Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.”*

Ricardo Reis

(heterónimo Fernando Pessoa)

Agradecimentos

Dedico estas linhas, com carinho e gratidão, a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a concretização deste estudo, bem como a todos aqueles que me apoiaram e apoiam no meu percurso académico.

À Professora Doutora Laura Nunes, por todo o tempo disponibilizado, todos os esclarecimentos e apoio prestado e ainda todas as manifestações de encorajamento durante a realização deste estudo, bem como toda a paixão, empenho e sabedoria com que se dedica a este tema.

À Professora Doutora Maria José Pinto da Costa pela dedicação e entrega ao Mestrado e pela sua disponibilidade demonstrada em todos os momentos do meu percurso durante estes dois anos letivos.

Ao Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, por me ter proporcionado, ao longo do mestrado, contacto com os mais variadíssimos profissionais de relevo no âmbito da docência das unidades curriculares.

À Universidade Fernando Pessoa por ser a instituição a que eu, com todo o orgulho, apelido de minha casa e em especial ao Observatório Permanente Violência e Crime por me ter acolhido no estágio de braços abertos.

A todos os meus amigos de longa data Cajó, Gonçalo, Jorge, Moisés, Raquel, Rita e Tatiana por saber que, embora nem sempre juntos, posso contar sempre com vocês.

Ao Diogo, Gil e Vítor, amigos mais recentes, mas não menos importantes, por todos os fins-de-semana cheios de boa disposição e amizade, os ingredientes para as ideias mais insólitas e o combustível perfeito para ultrapassar cada etapa.

Ao Marco Resende pelo seu contributo, que apesar de pequeno eu não teria feito de melhor forma. Apesar de estares longe serás sempre aquele amigo com quem eu rio e choro e o meu padrinho do coração.

À Sara Barros, por todo o percurso traçado juntas, pelo companheirismo e amizade incondicional e por todas as sextas e sábados repletas de boa disposição mesmo quando tudo parecia interminável.

À Sara Costa, melhor amiga, pelos momentos de boa disposição, de longas conversas e pela amizade sincera que nos une há tantos anos.

À Sílvia e ao Tó-Jó pela preocupação e carinho demonstrados e pelo interesse que sempre manifestaram durante o meu percurso académico.

À Cidália, Silvino, Daniela e Matilde e ainda à Laura, Jorge, João e Sara por estarem presentes desde o início da minha vida e por serem a minha família emprestada.

Ao Tobias e à Micas pelos momentos de brincadeira e descontração.

Aos meus pais, por todos os esforços que têm feito por mim para que alcance os meus objetivos pessoais e profissionais. Obrigada por estarem sempre presentes quando mais necessito e por nunca me deixarem desmoralizar mesmo quando tudo é realizado numa correria contra o tempo. Obrigada por fazerem de mim a pessoa que hoje sou.

Ao Joca, meu namorado, por todos estes anos de amizade, carinho, compreensão e amor, por nunca me deixares desmotivar mesmo quando a frase “não consigo” é repetida constantemente e por acreditares em mim quando eu própria não acredito. Tu és e sempre serás o meu mais-que-tudo!

A todos um obrigado.

Resumo

O consumo e o tráfico de drogas praticado por estudantes universitários constituem um problema real e uma preocupação efetiva, no seio da sociedade. Deste ponto, considerou-se relevante desenvolver o estudo que aqui se apresenta, por uma perspectiva inovadora e transversal, atendendo à reduzida existência de estudos, particularmente no que diz respeito ao tráfico de drogas em contexto universitário. Assim, procurou-se determinar a existência de tais práticas no âmbito universitário e a sua prevalência, não se olvidando a eventual coexistência destes comportamentos, ou seja, na concentração, no mesmo sujeito, tanto da figura do consumidor como do traficante. Trata-se de uma análise que utiliza a técnica do questionário a fim de captar os aspetos mais relevantes do consumo e tráfico de drogas em contexto universitário.

Com o presente estudo foram identificadas situações, quer de consumo, quer de tráfico de drogas em contexto universitário, reveladoras da efetiva existência destes fenómenos e da estreita relação que se verifica entre eles, o que realça a sua pertinência e atualidade.

Palavras-chave: Consumo de drogas, estudantes universitários, tráfico de drogas, universidade.

Abstract

The consumption and drug trafficking committed by university students constitute a real problem and an actual concern to today's society. From this point, it was considered relevant to develop the study here presented, by an innovative and transversal perspective, due to the reduced existence of studies, particularly, concerning drug trafficking in university context. Therefore, it was the objective of this study to determine the existence of such practices within university premises and its prevalence, not forgetting the potential coexistence of these behaviors, that is, the concentration, in the same individual, such the role of the consumer as the one of the trafficker. It is an analysis which uses the technique of questionnaire to grasp the most relevant aspects of consumption and drug trafficking in university context.

With the present study, there were identified situations, both of consumption and drug trafficking in university context, revealing the effective existence of these phenomena and their straight relation, what enhances its pertinence and its topicality.

Key words: drug consumption, university students, drug trafficking, university.

Resumé

La consommation et le trafic de drogue commis par les étudiants universitaires constituent un problème réel et une préoccupation effective au sein de la société. De ce point, il a été considéré relevant de développer l'étude ici présentée, de perspective innovante et transversale, dû au nombre réduit d'études existantes, particulièrement sur le trafic de drogue en contexte universitaire. Ainsi, on a cherché à déterminer l'existence de telles pratiques en enceinte universitaire et sa prépondérance, sans oublier l'éventuelle coexistence de ces comportements, autrement dit, la concentration sur le même individu, tant du rôle de consommateur comme de trafiquant. Il s'agit d'une analyse utilisant la technique du questionnaire afin de capter les aspects les plus importants de la consommation et du trafic de drogue en contexte universitaire.

La présente étude a identifié des situations, soit de consommation, soit de trafic de drogue en contexte universitaire, révélatrices de l'existence effective de ces phénomènes et de la liaison étroite établie entre eux, ce qui relève sa pertinence et son actualité.

Mots-clés : consommation de drogue, étudiants universitaires, trafic de drogue, université.

Índice

Introdução.....	1
 Parte A: Revisão Teórica	
<hr/>	
Capítulo I: Conceitos Básicos.....	4
1.1. Droga. Definição e classificações.....	5
1.2. Consumo e dependência de drogas.....	8
1.3. Tráfico de drogas – definição e contextualização.....	13
1.4. Consumo/Dependência de drogas e tráfico.....	19
 Capítulo II: Drogas em contexto universitário.....	22
2.1. Consumo de drogas em contexto universitário.....	23
2.2. Participação de jovens no tráfico de drogas.....	29
2.2.1. Consumo e tráfico de drogas em contexto universitário.....	32
 Parte B: Contribuição Empírica	
<hr/>	
Capítulo III: O estudo.....	36
3.1. Método.....	37
3.1.1. Caracterização da amostra.....	38
3.1.2. Materiais e procedimento.....	43
3.2. Apresentação dos resultados.....	45
3.2.1. Discussão dos resultados.....	59
 Conclusão.....	66
 Referências Bibliográficas.....	69
 Anexos.....	79

Índice de Quadros

Quadro 1 – Distribuição dos indivíduos em função do sexo.

Quadro 2 – Distribuição dos indivíduos em função da idade.

Quadro 3 – Distribuição dos indivíduos em função do estado civil.

Quadro 4 – Distribuição dos indivíduos em função do ciclo de estudos frequentado na Universidade.

Quadro 5 – Distribuição dos indivíduos em função do domínio científico em que estudam.

Quadro 6 – Distribuição dos indivíduos em função da situação ocupacional.

Quadro 7 – Distribuição dos indivíduos em função do número de km que os separa de casa.

Quadro 8 – Distribuição dos indivíduos em função do consumo de substâncias.

Quadro 9 – Distribuição dos indivíduos consumidores em função do sexo.

Quadro 10 – Distribuição dos indivíduos estudantes em função do consumo de substâncias.

Quadro 11 – Distribuição dos indivíduos estudantes-trabalhadores em função do consumo de substâncias.

Quadro 12 – Distribuição dos indivíduos consumidores em função da deslocação de casa.

Quadro 13 – Substâncias consumidas pelos inquiridos.

Quadro 14 – Distribuição dos indivíduos em função do consumo de substâncias por parte dos colegas.

Quadro 15 – Substâncias consumidas pelos colegas.

Quadro 16 – Distribuição dos indivíduos consumidores em função do consumo por parte dos colegas.

Quadro 17 – Distribuição dos indivíduos não consumidores em função do consumo por parte dos colegas.

Quadro 18 – Substâncias percebidas como mais consumidas entre os colegas da Universidade.

Quadro 19 – Espaços de consumo.

Quadro 20 – Categorias relativas aos espaços de consumo dos universitários.

Quadro 21 – Outros espaços de consumo.

Quadro 22 – Períodos de consumo.

Quadro 23 – Locais de aquisição/ venda de drogas pelos estudantes universitários.

Quadro 24 – Palavras dos inquiridos a respeito dos locais de aquisição/ venda de drogas.

Quadro 25 – Locais de aquisição/ vendas de drogas pelos estudantes universitários de acordo com os estudantes consumidores.

Quadro 26 – Identificação dos indivíduos que vendem drogas a estudantes universitários.

Quadro 27 – Identificação dos indivíduos que vendem drogas a estudantes universitários de acordo com os estudantes consumidores.

Quadro 28 – Palavras dos inquiridos a respeito das informações adicionais.

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Distribuição dos indivíduos em função da deslocação de casa.

Índice de Anexos

Anexo I – Questionário

Índice de Siglas

CDT – Comissões para a Dissuasão da Toxicodependência

CID – 10 – Classificação Internacional de Doenças

DCITE – Direção Central de Investigação do Tráfico de Estupefacientes

GHB – Ácido Gama-hidroxibutírico

LSD – Dietilamina do Ácido Lisérgico

MDMA – 3,4 Metileno-dioximetilanfetamina

PCP – Fenciclidina

SCIC – Secção Central de Informação Criminal

SNC – Sistema Nervoso Central

SPSS – Statistical Package for Social Sciences

Introdução

O consumo e o tráfico de drogas nas universidades são fenómenos que têm vindo a assumir especial relevância na sociedade, tornando-se cada vez mais pertinente o seu estudo. Tal, deve-se ao facto de consubstanciar um comportamento desviante, ou até mesmo, quanto ao tráfico, a prática de um crime, não se olvidando que tais comportamentos se verificam numa faixa etária cada vez mais baixa (Font-Mayolas, Gras & Planes, 2006; Palmer et al., 2009). Saliente-se ainda outra forte razão para se procurar analisar o fenómeno do consumo e do tráfico de drogas nas universidades e respetivas imediações, e que reside no facto de se estar em contextos de importância crucial na formação de jovens que, em breve, constituirão profissionais a entrar no mercado de trabalho. Afinal, fala-se aqui das gerações que assegurarão o futuro.

Acrescente-se ainda que a transição do ensino secundário para a universidade se verifica, geralmente, na fase da juventude, com extrema importância na formação do indivíduo, em que este descobre e aspira a novas experiências, coadjuvado pelo aumento de liberdades e responsabilidades (Pinedo, 2012), sendo esta mais uma razão pela qual se considera relevante e atual o presente estudo.

É importante ainda referir que, ao longo de vários anos, a temática do consumo de drogas nas universidades foi largamente abordada em diversos estudos (Silva et al., 2006), verificando-se um grande envolvimento por parte dos jovens, especialmente do sexo masculino, com determinadas drogas, sendo também notáveis consumos de tabaco e álcool associados (Font-Mayolas, Gras & Planes, 2006; Laranjo & Soares, 2006). Também recentemente, os estudos mostram uma grande presença das drogas nas universidades, o que corrobora as investigações anteriores, revelando desta forma um problema que ao longo de gerações se tem perpetuado (Andrade, Duarte & Oliveira, 2010; Morales et al., 2011; Palmer et al., 2009; Pinedo, 2012).

No que concerne ao tráfico de drogas nas universidades, a existência de dados e de estudos científicos foi procurada através de uma revisão da literatura, não se tendo encontrado publicações a esse respeito. Diga-se ainda a este propósito, que se deduz que em locais onde o consumo é recorrente, o tráfico também o seja, o que significa que, presumivelmente, onde exista um consumo abundante, existirá, do mesmo modo, uma venda igualmente significativa. Na verdade, dificilmente quem trafica estará disposto a perder uma área de mercado em que haja muitos potenciais compradores.

Assim, este trabalho procura perseguir determinados objetivos, que se prendem, genericamente em captar os aspetos mais relevantes do consumo e tráfico de drogas em contexto universitário. Mais especificamente, procura-se apurar o padrão de consumos mais frequente entre estes estudantes, o acesso às substâncias, os locais e aspetos situacionais de venda e de consumo de drogas entre esta população.

Relativamente à planificação do trabalho, importa referir que este consta de duas partes distintas. A primeira refere-se à revisão teórica, onde será feita uma abordagem a conceitos básicos, nomeadamente, droga, consumo e dependência, tráfico e ainda consumo e tráfico em contexto universitário. Por sua vez, a segunda parte refere-se à contribuição empírica, onde o estudo, propriamente dito, é apresentado. Aqui será desenvolvida a metodologia utilizada, nomeadamente a caracterização da amostra e ainda os materiais e procedimentos, sendo por fim, expostos e discutidos os resultados.

Parte A

Revisão Teórica

Capítulo I

Conceitos Básicos

1.1. Droga. Definição e classificações

Muitas são as definições que, ao longo dos anos, têm surgido numa tentativa de definir o conceito de droga. No entanto, é consensual que este não permanece imutável, acompanhando o desenvolvimento e as trajetórias histórico-culturais dos povos (Fonte, 2006; Pratta & Santos, 2006).

Desde a antiguidade, Hipócrates e Galeno, descreviam o conceito de droga como sendo algo que quando introduzido no organismo, tinha a capacidade de o vencer. Desta forma, os pais da medicina científica consideravam que, ao contrário de outras substâncias, como por exemplo os alimentos, que eram vencidos pelo corpo, as drogas, mesmo em doses exíguas, tinham a capacidade de provocar alterações orgânicas, anímicas ou ambas (Escohotado, 2004a; Fernandes, 1997).

Por sua vez, Jervis em 1977 (*cit. in* Fernandes, 1997, p.154) distanciando-se de um plano farmacológico, refere droga como:

“todo o conjunto de substâncias químicas introduzidas voluntariamente no organismo com o fim de modificar as condições psíquicas e que, enquanto tal, criam mais ou menos facilmente uma situação de dependência no sujeito”.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (2006) as drogas, também denominadas por substâncias, podem ser naturais ou sintéticas e quando introduzidas no organismo afetam a sua estrutura e o seu funcionamento (Favio, Marivel & Betty, 2001). Importa, desta forma, fazer referência a algumas das drogas ilegais mais consumidas nas sociedades ocidentais, sendo elas a marijuana, o LSD (dietilamina do ácido lisérgico), a heroína, as substâncias inalantes, a cocaína e ainda as anfetaminas e metanfetaminas (Nunes & Jóluskin, 2010; Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência, 2014), como parte desse grupo de substâncias que afeta o funcionamento do organismo e o comportamento do consumidor.

Também as drogas sintéticas, cada vez mais utilizadas, são laboratorialmente produzidas e quimicamente manipuláveis, encontrando-se em contínuo lançamento nos mercados de droga, sendo exemplos o MDMA (3,4 Metileno-dioximetilanfetamina) ou *ecstasy*, a fenciclidina (PCP) ou pó de anjo, as benzodiazepinas, a quetamina, o ácido Gama-hidroxibutírico (GHB), entre outras. Dada a elevada potência destas drogas, torna-

se difícil a sua deteção, dado que estão presentes no sangue em concentrações muito baixas. Ao nível da aplicação da lei, existem inúmeras implicações na medida em que mesmo em quantidades pequenas, esta tipologia de drogas pode dar origem a muitas doses (Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência, 2014).

De facto, a evolução do conceito de droga recai sobretudo na sua amplitude, na medida em que engloba uma grande quantidade de substâncias capazes de provocar diferentes efeitos no indivíduo, que podem alternar de acordo com diversas variáveis, como a dose administrada, o tempo de utilização, a via de administração, as circunstâncias em que são ingeridas e ainda o próprio indivíduo e a sua expectativa em relação às drogas (Fonte, 2006; Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências, 2014a).

Dada a imensa variedade de substâncias, torna-se crucial uma classificação que permita, de uma forma mais simples, a sua identificação e caracterização, sendo difícil estabelecer um único método, uma vez que existe uma pluralidade de classificações que variam de acordo com o contexto cultural, com os efeitos provocados no Sistema Nervoso Central (SNC), com a sua composição química, com a sua condição legal, entre outros (Favio, Marivel & Betty, 2001; Nunes & Jólluskin, 2010; Pinedo, 2012).

A classificação das drogas feita por Chalout em 1971, por exemplo, é a uma das mais comumente utilizada pelos profissionais de saúde e tem como base os efeitos provocados no SNC (Fonte, 2006; Lacerda, 2008). Desta forma, as drogas são divididas em três grandes grupos, nomeadamente, as depressoras, quando o seu efeito consiste na diminuição da atividade cerebral e consequente relaxamento (opiáceos, barbitúricos, benzodiazepinas e álcool), os estimulantes, quando se verifica um aumento da atividade cerebral capaz de prolongar o estado de vigília (anfetaminas e cocaína) e as perturbadoras ou modificadoras, quando interferem na atividade cerebral, causando distorções na percepção e na cognição do indivíduo (MDMA, cannabinóides, LSD, colas e solventes) (Nunes & Jólluskin, 2010; Pratta & Santos, 2006).

Em relação ao efeito das drogas sobre o humor, foi elaborada uma classificação onde Richard, Pirot e Senon (2002) definiram três categorias de drogas. As psicolépticas capazes de provocar a depressão do humor, como por exemplo, os opiáceos, barbitúricos e cannabinóides, as psicanalépticas, que estimulam ou excitam o humor, como as anfetaminas, *ecstasy* e cocaína e por fim as psicodislépticas, que alteram a senso-percepção e o pensamento, levando o indivíduo a ter alucinações e delírios, como o LSD, cogumelos e plantas alucinogénias (Richard, Pirot & Senon, 2002). Os mesmos autores propuseram a distinção entre drogas leves e drogas duras. As primeiras,

incapazes de provocar efeitos tóxicos significativos em indivíduos física e psicologicamente saudáveis, eram também tidas como substâncias que não eram passíveis de causar dependência física ou psicológica. As drogas duras, por sua vez, eram dotadas de uma elevada toxicidade e capazes de provocar um estado de dependência no indivíduo.

Atualmente esta classificação não é usada, uma vez que certas substâncias possuidoras de características de drogas leves, como o LSD, revelaram ser extremamente nocivas. De acordo com a Organização Mundial de Saúde é possível classificar as drogas segundo o seu uso e os seus usuários, numa análise que não tem sido muito adotada (Nunes & Jólluskin, 2010). Já em relação à classificação das drogas em função da sua legalidade, é possível distingui-las como legais como é o caso do café, do tabaco e do álcool, ou ilegais como é exemplo a cocaína e seus derivados, o cannabis, os opiáceos, entre outras (Favio, Marivel & Betty, 2001).

Escohotado (2004b), muito centrado no indivíduo, propõe uma classificação denominada “funcional”, em que distribui as substâncias em três grupos: o dos fármacos de paz, constituído pelas drogas que garantem ou possibilitam um efeito de paz e serenidade; o dos fármacos de energia, formado por substâncias capazes de proporcionar ao indivíduo mais energia e atividade; e o dos fármacos visionários, composto por drogas que provocam alterações da percepção.

De acordo com Pinedo (2012) é ainda possível classificar as drogas tendo por base a sua acessibilidade e o significado na sociedade, sendo para tal considerados cinco grupos, nomeadamente, drogas sociais, produtos industriais, medicamentos, drogas étnicas e ainda drogas ilegais ou proibidas.

Em suma, a droga e a sua definição seguem a evolução das culturas, sendo que os padrões, a frequência de utilização e os tipos de drogas consumidas vão mudando de uma época para a outra com base nas condições sócio-culturais existentes (Bucher, 1992, *cit. in* Pratta & Santos, 2009, p. 207). Embora exista uma multiplicidade de definições do conceito de droga, todas se complementam, uma vez que são enaltecidos aspetos diferentes e apresentadas perspetivas distintas de observação e entendimento, que apesar de serem relevantes, tornam-se escassas para de uma forma isolada definirem o conceito. Também, as várias classificações existentes relativas às drogas contribuíram para uma melhor e mais simples identificação e compreensão das mesmas (Favio, Marivel & Betty, 2001; Nunes & Jólluskin, 2010; Pinedo, 2012).

1.2. Consumo e dependência de drogas

Desde a antiguidade que o Homem vê em determinadas substâncias, a possibilidade de alcançar variados fins, quer ao nível terapêutico, na diminuição ou mesmo cura do sofrimento físico e psíquico, quer na obtenção de estados de desinibição e felicidade, através do consumo funcional ou ocupacional. Martins (1998) fazendo igualmente referência às finalidades e tradição do consumo de drogas alude ainda à utilização das mesmas em rituais ou como fazendo parte integrante da cultura, sendo notável o recurso às drogas na religião, onde eram utilizadas numa tentativa de aproximação às entidades divinas (Fonseca, 2006; Martins, 1998; Poiares, 1998).

No que concerne aos fatores implicados no consumo de drogas, é possível dividi-los em três categorias. A primeira referente à constituição interna, faz menção aos fatores pessoais, sendo que características como a baixa autoestima e confiança, o elevado grau de ansiedade, impulsividade, indisciplina, baixo controlo pessoal e a tendência hipocondríaca são apontados como potenciadores para o consumo de drogas. Os fatores interpessoais, por sua vez, atribuem ao ambiente familiar a sua importância, destacando as condições de vida, o acesso a condições básicas de habitação, alimentação, vestuário, saúde e educação, não deixando também, de atribuir especial significado ao grupo de pares frequentado. Por fim, no que à última categoria diz respeito, destaca-se a influência do meio e dos fatores culturais como predominante para o consumo de substâncias ilícitas (Martins, 1998). Note-se que este comportamento aditivo tem sido alvo de muitíssimas análises, havendo múltiplas construções teóricas que procuram explica-lo.

A fase da adolescência surge frequentemente como sendo própria à existência de determinados comportamentos desviantes como a vadiagem, experiências sexuais, indisciplina, conflitos familiares, absentismo escolar, roubos e furtos e consumo de drogas (Venetikides & Cordellini, 2008), sendo que tais condutas têm como objetivo a experimentação de um estilo próprio de individualidade durante o relacionamento com o meio (Agra, 2002). Agra (2002) refere ainda que a prática de consumos não se verifica apenas numa só faixa etária, ocorrendo quer em indivíduos mais jovens, quer em indivíduos acima dos 30 anos, ocorrendo também nas várias classes sociais, o que demonstra ser um problema transversal a estas variáveis.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (2004), o consumo de substâncias tem como objetivo a obtenção de benefícios, que incluem o próprio prazer, onde se enquadra o consumo social, ou mesmo o evitamento de dores. É um comportamento que pode causar danos a curto ou a longo prazo, não só nos consumidores mas também a nível social, económico, legal e político (Organização Mundial de Saúde, 2004; Costa, 2002, *cit. in* Nunes & Jóluskin, 2010, p.48).

Relativamente aos problemas decorrentes do consumo de drogas, destacam-se os efeitos nefastos sobre a saúde e sobre as relações sociais, não se olvidando os problemas económicos e de desenvolvimento de atividades ocupacionais, como o trabalho e o estudo (Nunes & Jóluskin, 2010). Em relação aos primeiros, é possível referir que as drogas causam diversos problemas no organismo, quer através dos efeitos diretos sobre o mesmo, quer através dos efeitos indiretos e dependentes de variáveis como os padrões de consumo, as vias de administração ou mesmo o próprio estilo de vida (Becoña & Martín, 2004, *cit. in* Nunes & Jóluskin, 2010, p. 103).

No que concerne aos efeitos sociais nefastos, enquadram-se alguns problemas resultantes do consumo de drogas, como os problemas familiares e os jurídico-legais, evidenciando-se a frequente separação do indivíduo relativamente à sua família, a quebra da sua vida social e o isolamento, e ainda o desenvolvimento de comportamentos inadequados e até mesmo delituosos (Nunes & Jóluskin, 2010; Organização Mundial de Saúde, 2004). Quanto aos problemas económicos, estes dizem respeito às dificuldades inerentes à manutenção dos consumos de determinadas substâncias, muitas vezes inacessíveis economicamente ao indivíduo, e à incapacidade do mesmo em manter uma atividade profissional, o que leva muitas vezes a outros problemas, como a situações de prostituição ou mesmo mendicância (Nunes & Jóluskin, 2010; Pimenta & Rodrigues, 2006), para além da possível vitimação do toxicodependente (Nunes & Sani, 2013).

Na sequência destas considerações, cabe referir o conceito de policonsumo, na medida em que este se refere ao consumo de diferentes substâncias ao mesmo tempo, podendo aumentar o risco de acidentes e de intoxicações (Nóbrega et al., 2012). Esta situação torna-se comum entre os consumidores de droga, especialmente os jovens que acabam por se iniciar com o tabaco ou álcool passando posteriormente a incluir outras drogas e a formular combinações complexas entre elas. Em relação aos motivos para a existência deste padrão de consumo, os mesmos assentam no facto de potenciarem os efeitos das drogas, originando, todavia, situações mais graves. Nas situações em que os indivíduos optam pela combinação de várias substâncias, o efeito de cada uma

manifesta-se mais intensamente ou mesmo diferente, gerando-se, por vezes, efeitos próprios de tais conjugações (Nóbrega et al., 2012).

De acordo com o Relatório Europeu sobre Drogas (Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência, 2013) o consumo de substâncias ilícitas continua elevado, observando-se no entanto, algumas mudanças, como por exemplo o aumento da oferta de tratamento e ainda alguns indícios da diminuição do consumo de droga injetada e da quantidade de novos consumidores de heroína, cocaína e cannabis fumada. No entanto, crê-se que, na União Europeia, mais de 80 milhões de adultos, ou seja, cerca de um quarto da população adulta, consumiu drogas ilícitas em algum momento da sua vida, e que um em cada quatro jovens com 15 e 16 anos, também o terão feito (Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência, 2014). É ainda importante referir que, cada vez mais, a sociedade se depara com o aparecimento de novas substâncias, nomeadamente drogas sintéticas, já antes mencionadas, em detrimento das substâncias à base de plantas, e também novos padrões de consumo, sendo esta situação verificada quer no mercado das drogas ilícitas, quer no contexto das substâncias não controladas (Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência, 2013).

Washton e Zweben (2009, *cit. in* Terroso & Argimon, 2013, p. 2) descrevem a existência de sete categorias de envolvimento com substâncias. A experimentação, que marca o início do contacto com a droga, seguindo-se o uso social ou ocasional, em que o indivíduo consome drogas em quantidades modestas com uma frequência irregular. A terceira categoria corresponde ao uso regular, onde se verifica um padrão de uso mais frequente, e a quarta ao uso situacional, em que o consumo está associado a um objeto específico. O uso compulsivo refere-se a períodos de uso de grandes quantidades intercaladas por períodos de abstinência, o abuso corresponde ao uso de droga com manifestação de problemas significativos associados a ela e por fim verifica-se a existência de dependência.

Também Martins (1998) refere a existência de consumidores ocasionais, quando se está perante uma conduta imprevista, consumidores regulares ou habituais, quando o consumo se verifica aos fins-de-semana, ou mensalmente e por fim, os toxicodependentes.

Relativamente ao conceito de dependência, cabe ainda referir que esta é considerada pela Organização Mundial de Saúde (2004) um transtorno da função cerebral originado pelo consumo de substâncias, que afetam os processos cerebrais normais da senso-percepção, das emoções e da motivação. Fonseca (1997), por sua vez, define dependência como sendo o resultado da interação entre o organismo e uma

substância tóxica ou droga, em que o indivíduo se sente obrigado a consumir esporádica ou continuamente.

Desta forma, a dependência pode ser constatada através da presença de pelo menos três critérios dos seis existentes na Classificação Internacional de Doenças (CID-10), em qualquer momento, durante os últimos 12 meses. De acordo com este sistema de classificação é importante destacar a síndrome de abstinência, ou seja, a presença de sintomas físicos e psíquicos que ocorrem quando se verifica a redução ou paragem do consumo, após o organismo se ter adaptado fisiologicamente à sua administração repetida, e a tolerância, que ocorre quando a quantidade de substâncias administradas não é suficiente, sendo para tal necessário aumentar as doses para produzir os efeitos conseguidos anteriormente (Organização Mundial de Saúde, 2004).

Também a American Psychiatric Association (2006) define dependência como um padrão mal-adaptativo de uso de substância que leva ao prejuízo ou sofrimento clinicamente significativo. A dependência é então manifestada pela ocorrência de três ou mais critérios constantes no sistema de classificação da American Psychiatric Association (2006) ocorrendo a qualquer momento, no mesmo período de 12 meses.

É importante referir que há uma multiplicidade de abordagens aos conceitos de dependência e de abstinência, sendo fundamental perceber que o conceito de dependência não pode ser aplicado de forma análoga a todas as substâncias, na medida em que a dependência de determinadas drogas é diferente da dependência de outras, havendo ainda variações individuais (Ribeiro, 1998).

Por sua vez, e de acordo com Fernandes (1997, p. 159), a Organização Mundial de Saúde define toxicodependência como:

“um estado psíquico, e por vezes também físico, resultante da interacção entre um organismo vivo e um produto tóxico, caracterizando-se por modificações do comportamento, e por outras reacções, que incluem sempre a compulsão para tomar drogas dum modo contínuo ou periódico, a fim de experimentar efeitos específicos ou de evitar o mal estar da privação”.

Em termos legais apraz dizer que de acordo com a Lei n.º 30/2000 de 29 de Novembro, o consumo de substâncias ou preparações indicadas nas tabelas I a IV anexas ao Decreto – Lei n.º 15/93 de 22 de Janeiro, constitui uma contraordenação, inovação que implicou a sua descriminalização com a revogação, ainda que parcial, do artigo 40.º do Decreto – Lei n.º 15/93 de 22 de Janeiro. Nos termos do artigo 2.º da Lei n.º

30/2000 de 29 de Novembro, a aquisição e a detenção para consumo próprio das substâncias ou preparações já referidas, não poderá exceder a quantidade necessária para o consumo médio individual, no período de 10 dias.

Destarte, embora o consumo de drogas não apresente uma natureza capaz de determinar a sua criminalização, não deve ficar impune ao juízo de censura social ou jurídica, estando por esse motivo elencado num plano contra-ordenacional, tendo em apreço o carácter clínico e psicológico em que se encontra inserido (Fonseca, 2006; Poiares, 2002).

Esta lei surge então como forma de motivar os toxicodependentes e consumidores de droga para o seu tratamento e recuperação, pondo de parte a estigmatização dos indivíduos quer através das instâncias de audição e valoração como as Comissões para a Dissuasão da Toxicodependência (CDT), quer pelo regime processual instituído que estimula determinadas técnicas de motivação à aceitação do tratamento (Poiares, 2002; Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências, 2014b). Desta forma, a motivação do indivíduo em mudar o seu rumo e a opção por um estilo de vida saudável constituem os principais objetivos da Lei n.º 30/2000 de 29 de Novembro, que o encaminha/aconselha e nunca obriga a aceitar o tratamento, sendo a sanção aplicada com um propósito pedagógico e de prevenção, quer geral, quer especial (Poiares, 2002).

Cabe ainda mencionar que a alteração do regime jurídico do consumo de drogas traduz-se numa mudança ao nível da atitude legislativa e aplicativa, ao nível da racionalidade e ainda ao nível da representação institucional do consumidor e do toxicodependente, que passa a ser encarado como um indivíduo que fez as suas escolhas, optando por um estilo de vida não saudável, libertando-se da conotação de delinquente ou doente (Poiares, 2002).

Assim, e atendendo ao que foi até aqui referido, o uso de drogas no passado diferencia-se do uso atual, na medida em que abandonou a sua postura de elemento de integração e de fator de coesão social e emocional da população, para passar a representar um elemento de doença social e de desintegração (Bucher, 1992, *cit. in* Pratta & Santos, 2006, p. 316).

1.3. Tráfico de drogas – definição e contextualização

Atualmente, a criminalidade organizada nas suas diversas atividades, constitui um conceito difícil de definir, que se explica pelo elevado grau de subjetividade e especulação, sendo, no entanto, consensual a existência de diversas características que permitem um melhor entendimento do fenómeno em questão (Braz, 2010; Dijck, 2007).

Destarte, as organizações criminosas compreendem a existência de um grupo de pessoas organizadas segundo uma hierarquia, e que atuam a nível nacional ou transnacional, visando alcançar objetivos estrategicamente predefinidos, como por exemplo, o poder e o dinheiro. Destaca-se ainda o facto de serem atividades ilícitas ou clandestinas, onde a lei do silêncio impera e onde o uso de violência, intimidação e vingança estão presentes (Braz, 2010; Faria & Barros, 2011; Gonzalez et al., 2004; Oliveira, 2007; Schneider, 2013).

A Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado Transnacional definiu organizações criminosas como sendo grupos de três ou mais pessoas que, durante certo período de tempo, perpetram um ou mais crimes considerados graves, com o objetivo de obter direta ou indiretamente um benefício financeiro ou material, sendo disso exemplos o branqueamento de capitais, o tráfico de seres humanos, o tráfico de drogas legais, o tráfico de drogas ilegais e ainda de outras mercadorias como armas de fogo, bens culturais, entre outros (Carrapiço, 2005; Morrison, 2002; United Nations Office on Drugs and Crime, 2010; United Nations Office on Drugs and Crime, 2014a).

É importante referir que todas as definições do conceito devem ser constantemente revistas e atualizadas para que, desta forma, possam contemplar as formas emergentes do crime organizado, percebendo-se as mudanças existentes ao nível das motivações e das atividades dos grupos. Tal é imperativo na medida em que o crime organizado ameaça a segurança humana, violando os seus direitos e causando prejuízos a nível económico, social, cultural, político e ambiental, prejudicando desta forma o desenvolvimento das sociedades (Morrison, 2002; United Nations Office on Drugs and Crime, 2014a).

O tráfico de drogas ilícitas surge, então, como sendo uma tipologia de crime organizado, onde a presença destas características é claramente evidente, podendo ser encarado como uma das atividades mais lucrativas do mundo, que apesar do seu

carácter ilegal se revela muito atrativa, quer pelo sucesso financeiro que promete, quer pelo reconhecimento social que é proporcionado aos traficantes, sendo mesmo considerado por estes como um trabalho do qual revelam orgulho, dado o grau de dificuldade inerente ao crime praticado (Faria & Barros, 2011; Gonzalez et al., 2004; Pereira, 2011).

Alguns autores (Barcinski, 2005; Barcinski, 2009), fazendo referência ao tráfico de drogas exercido por mulheres, por exemplo, destacam as dificuldades económicas e a vulnerabilidade pessoal como determinantes na entrada neste tipo de crime. O tráfico surge assim como a única opção de sustento, face às dificuldades encontradas, sendo encarado como uma alternativa economicamente viável. Também a existência de relacionamentos amorosos com homens criminosos, mais precisamente traficantes, é apresentada como justificação para o envolvimento no tráfico.

O conceito de gangue surge também associado, muitas vezes, a esta tipologia de crime, na medida em que estes desempenham um papel importante em todos os tipos de violência, designadamente no tráfico de drogas (Hagedorn, 2008, *cit. in* Lima, 2013, p. 4), onde vulgarmente apresentam estruturas de poder horizontais, divididas em pequenos subgrupos e franquias, e revelando uma continuidade geracional. Estes gerem e protegem a economia do tráfico, utilizando a violência contra os grupos adversários, mas também contra a população das zonas ocupadas e exploradas (Lima, 2013; Rodgers, 1999; Rodgers, 2002).

Aliás, a violência é uma das características mais marcantes do crime organizado e, por conseguinte, do tráfico de drogas, importando referir que é também o principal pressuposto que distingue os mercados ilícitos dos mercados lícitos (Schneider, 2013). Desta forma, pode destacar-se a presença de determinadas normas de conduta que, devendo ser respeitadas como leis internas, têm como função controlar os traficantes e a comunidade à qual pertencem, sendo que, quando desrespeitadas, despoletam inúmeros atos de violência (Faria & Barros, 2011). Esta prática, vulgarmente designada por “acertos de contas” (Craveiro & Reis, 2009), pune todos os indivíduos que de certa forma infringem as normas estabelecidas, levando a que todos os anos ocorram inúmeros homicídios e conflitos violentos (Filho et al., 2001; Goldstein, 1986; United Nations Office on Drugs and Crime, 2014b). Também a competição existente por um determinado território ou pelo controlo das redes de distribuição consideradas lucrativas, contribui para que a vingança e a violência façam parte integrante das dinâmicas do tráfico de drogas (Faria & Barros, 2011; Friman, 2009, *cit. in* Schneider, 2013, p. 129; Pereira, 2011).

Goldstein (1986) refere mesmo que as drogas se encontram diretamente relacionadas com a violência, fazendo alusão a três modelos capazes de explicar tal ligação, nomeadamente o modelo psicofarmacológico, o modelo económico e o modelo sistémico. Neste último, o autor, enquadra a violência dos mercados de droga, mais precisamente a violência nas interações com os sistemas de uso e distribuição, destacando-se as “guerras” por territórios entre traficantes rivais, as agressões e homicídios entre os vários membros que constituem a hierarquia para reforçar as normas do grupo, a eliminação de informadores, punições pela venda de drogas adulteradas ou ainda por falhas no pagamento.

Cabe ainda mencionar que a presença de diversos pressupostos de manutenção de uma estrutura ilegal, nomeadamente no tráfico de drogas, passa sobretudo pela existência de ligações entre os traficantes de uma determinada zona e os do exterior, pela aprendizagem e divulgação de técnicas e conhecimentos, pela existência de formas de garantir o secretismo e ainda pela presença de mecanismos coletivos defensivos dos agentes policiais e dos limites da lei (Chaves, 1997). Trata-se, por isso, de uma fatia das atividades ilegais lucrativas que tem meios de autorregulação e que investe na proteção dos seus domínios.

É importante referir que, dado o carácter peculiar da organização deste tipo específico de crime, alguns autores (Craveiro & Reis, 2009; Faria & Barros, 2011; Lynam, 2014; South & Wyatt, 2011) chegam mesmo a comparar o tráfico de drogas à gestão de uma empresa/indústria, na medida em que os intervenientes nesta atividade gerem o seu negócio, produzindo, comprando, vendendo, transportando e distribuindo matéria-prima e drogas, tendo sempre como objetivo o melhor negócio e a proteção do mesmo.

De acordo com a Polícia Judiciária existem diferentes níveis de estruturação da atividade do tráfico de drogas, desenvolvidos na Secção Central de Informação Criminal (SCIC) da Direção Central de Investigação do Tráfico de Estupefacientes (DCITE). Desta forma, o Espectro Geográfico da Atividade do Tráfico de Estupefacientes é composto por vários elementos, nomeadamente, venda direta ao consumidor, abastecimento das redes locais, distribuição a grosso a nível nacional, tráfico internacional e por último, tráfico transcontinental (Costa & Leal, 2004).

Focando-se sobretudo nos indivíduos inseridos na atividade do tráfico de drogas, ao nível da venda direta ao consumidor e do abastecimento das redes locais, foi possível uma caracterização dos traficantes como sendo pessoas que habitam no concelho onde praticam o tráfico, ou no limite, em concelhos contíguos. Tal situação permite a existência de uma implantação sólida e de um abastecimento regular da revenda no concelho ou

distrito próximo, contribuindo para a melhoria do mercado existente (Costa & Leal, 2004). Também Fernando Mendes (1996, *cit. in* Costa & Leal, 2004, p. 11) apresenta uma distinção dos vários intervenientes no campo de ação do tráfico de acordo com a posição ocupada na organização e o tipo de droga traficada, onde se encontra o revendedor de rua, o revendedor de quantidades médias, o empresário do tráfico, o correio com autonomia própria e o correio tradicional.

Tais classificações permitem uma melhor compreensão do crime de tráfico de drogas, nomeadamente da sua estrutura e organização, fundamentais para uma melhor intervenção por parte da investigação criminal e consequente prevenção (Costa & Leal, 2004).

Atualmente, em Portugal a definição jurídico-penal do conceito de tráfico de droga encontra-se tipificada no artigo 21º do Decreto-Lei nº 15/93, de 22 de Janeiro que refere que:

“Quem, sem para tal se encontrar autorizado, cultivar, produzir, fabricar, extrair, preparar, oferecer, puser à venda, vender, distribuir, comprar, ceder ou por qualquer título receber, proporcionar a outrem, transportar, importar, exportar, fizer transitar ou ilicitamente detiver, fora dos casos previstos no artigo 40.º, plantas, substâncias ou preparações compreendidas nas tabelas I a III é punido com pena de prisão de 4 a 12 anos”.

Também o mesmo artigo, no seu n.º 4, consagra a pena de prisão de um a cinco anos, quando estejam em causa as substâncias ou preparações constantes na tabela IV anexa ao Decreto-Lei nº 15/93, de 22 de Janeiro.

No entanto, caso a prática dos factos referidos no artigo 21.º do Decreto-Lei nº 15/93, de 22 de Janeiro tenha como única finalidade *“conseguir plantas, substâncias ou preparações para uso pessoal”* a pena é substancialmente mais leve, nos termos do preceituado no artigo 26.º do presente diploma, que estabelece pena de prisão até três anos ou multa, sendo esta atenuada para prisão até um ano ou multa até 120 dias caso se tratem de substâncias ou preparações referidas na tabela IV do Decreto-Lei nº 15/93, de 22 de Janeiro. Todavia, tal só é aplicável, conforme indica o n.º 2 daquele preceito, quando o agente não *“detiver plantas, substâncias ou preparações em quantidade que exceda a necessária para o consumo médio individual durante o período de cinco dias”*.

O artigo 25.º do Decreto-Lei nº 15/93, de 22 de Janeiro estabelece uma moldura penal mais favorável ao agente, no caso da prática de algum dos factos referidos nos

artigos 21.º e 22.º do referido Decreto-Lei se verificar, com a particularidade de “*a ilicitude do facto se mostrar consideravelmente diminuída*”.

Destaque-se ainda que o crime de tráfico de drogas é tido como uma modalidade criminal comumente associada a uma série de outros crimes, onde se destacam os crimes violentos contra o património e contra as pessoas (Pereira, 2011). Neste âmbito, a Europol (2011) refere que alguns grupos praticam outros tipos de crime como forma de financiar a sua atividade no tráfico de drogas, chegando mesmo a falsificar dinheiro e furtar veículos para pagar drogas.

No que concerne aos circuitos através dos quais o tráfico de drogas se processa e ao seu percurso evolutivo, interessa evidenciar a sua fácil adaptação à globalização e à utilização de novas tecnologias, nomeadamente da internet, utilizada, cada vez mais, como um mecanismo potenciador de um mercado anónimo à escala mundial (Font & Rufí, 2006; González et al., 2004; Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência, 2013; United Nations Office on Drugs and Crime, 2014b).

Na verdade, importa destacar a Europa como sendo um ponto de receção de drogas, mas também de passagem das mesmas, quando destinadas a outras regiões. Na verdade, zonas como a América Latina, Ásia Ocidental e o Norte de África, correspondem aos principais pontos de origem das drogas que entram na Europa, verificando-se, no entanto, o envolvimento por parte de outras regiões do mundo dada a atual dinâmica dos mercados de droga. No que respeita à produção, a Europa dedica-se sobretudo ao cannabis e também a algumas drogas sintéticas que, embora se destinem ao consumo local, são também exportadas para outras regiões. A nível internacional e também na União Europeia verifica-se uma diversificação da atividade dos grupos de criminalidade organizada, na medida em que grupos envolvidos tradicionalmente no comércio da heroína estão a voltar-se para o tráfico de cocaína e metanfetaminas na União Europeia, servindo-se das rotas anteriormente utilizadas para a heroína. Desta forma, constata-se uma crescente oferta de metanfetaminas na Europa, em grande parte produzidas na Europa Central e do Norte e ainda no Médio Oriente (Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência, 2014).

Cabe ainda salientar que a maior disponibilidade de novas substâncias psicoativas, não controladas ao abrigo dos tratados internacionais de controlo da droga, contribui para um novo desenvolvimento dos mercados de droga europeus. Estas substâncias são usualmente obtidas através da internet e de lojas especializadas, sendo produzidas no exterior da Europa (Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência, 2013).

Relativamente às apreensões de drogas ilícitas na Europa, o Relatório Europeu sobre Drogas, destaca países como Espanha, Reino Unido, Alemanha, Bélgica, Itália e Turquia como sendo os locais onde se verificaram mais apreensões no ano de 2012, sendo reportadas, no total, cerca de um milhão de apreensões. Na grande maioria dos casos a droga provinha de consumidores, sendo considerável o valor dos carregamentos de vários quilos apreendidos a traficantes e produtores (Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência, 2013; Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência, 2014). Em Portugal, foi no início dos anos 90 que o tráfico de drogas sofreu um forte impulso devendo-se sobretudo ao aumento do consumo e à reestruturação do comércio inerente, levando a que um maior número de vendedores se aproximasse dos pontos de abastecimento. Desta forma, verificou-se um aumento significativo das organizações de pequenas dimensões e das oportunidades de entrar neste sistema, a todos os que estivessem interessados, formando-se assim uma estrutura de oportunidades ilegais, onde são simultaneamente possibilitados o desenvolvimento da atividade e a entrada de novos elementos (Chaves 1997).

A nível internacional, Portugal é identificado como sendo porta de entrada e ponto de passagem de várias drogas ilícitas para a Europa, como é o caso da cocaína e do haxixe, sendo que tal conjectura é explicada, quer pela abertura das fronteiras e livre circulação de pessoas proporcionada no espaço Schengen, quer pela posição geográfica que o país ocupa, nomeadamente pela sua longa costa e pela proximidade com o Norte de África (Europol, 2012; United States Department of State, 2014).

1.4. Consumo/Dependência de drogas e tráfico

A relação entre o consumo/ dependência de drogas e a criminalidade é, não raras vezes, debatida e investigada, tornando-se fulcral compreender como estes dois comportamentos se relacionam (Negreiros, 1997; Nunes, 2010). Na verdade, tal relação não é simples nem linear, mas sim complexa e múltipla (Agra, 2002; Gonçalves & Salém, 2002).

De forma a ser possível justificar esta conexão entre as duas condutas, ao longo dos anos, foram surgindo várias conjecturas que de certa forma tentavam justificar a relação existente entre droga e crime, levantando-se, assim, três hipóteses capazes de fundamentar tal ligação. Duas das hipóteses assentavam na ideia de que um dos comportamentos é causa do outro, ou seja, o consumo de drogas é a causa do crime e, por sua vez, o crime é a causa do consumo de drogas, já a terceira hipótese admitia a inexistência de uma relação causal entre as duas condutas e ainda a presença de outros fatores implicados (Agra, 2002; Agra & Matos, 1997; Nunes, 2011).

De acordo com Nunes (2011) o modelo causal evidente nas duas primeiras hipóteses de que a droga causa o crime ou de que o crime causa a droga não atribui importância aos fatores individuais e situacionais, aos contextos sociais, aos sistemas de vida e aos comportamentos dos indivíduos.

Assim, negando a existência de uma relação de causalidade entre droga e crime surgem as explicações estruturalistas e as explicações processuais. As primeiras, recorrendo à existência de um fator comum aos dois comportamentos, acabam por reduzir a quantidade de fatores implicados no fenómeno. A segunda, por sua vez, atribuindo relevância aos múltiplos fatores relacionados com as fases de evolução da relação droga-crime e aos diferentes estilos de vida que dão sentido a essa evolução, aproxima a verdade da relação entre droga e crime, essencialmente através das variações temporais (Agra, 2002, *cit in* Nunes, 2011, p. 80).

Destarte nenhum dos três modelos explicativos (causal, estrutural e processual) pode ser considerado isoladamente, pois o que se consegue em poder explicativo num deles, perde-se nos restantes. Assim, a relação entre droga e crime deverá ser explicada através da combinação das dimensões individuais, socio-ambientais e histórico-

existenciais, sendo por isso crucial ter-se em consideração o indivíduo, o seu espaço e o seu tempo (Nunes, 2011).

De acordo com Negreiros (1997), as práticas criminais e o abuso de drogas correspondem a condutas que se desenvolvem no contexto de múltiplos determinantes, resultado da influência de inúmeros fatores biopsicossociais. Logo, procurando atender aos vários fatores relacionados, os dois comportamentos, influenciando-se mutuamente, conduziriam a um efeito em espiral. Desta forma, investigações recentes focadas na relação causal entre droga e crime parecem afastar-se cada vez mais das posturas iniciais que tentavam estabelecer uma relação linear de causa-efeito entre estes dois conceitos.

No que concerne ao crime de tráfico de drogas, estudos recentes demonstram que existe uma relação entre a prática deste crime e o consumo problemático de substâncias ilícitas (Agra, 2002; Torres & Gomes, 2005).

Procurando comparar reclusos consumidores e reclusos não consumidores de drogas, Agra (2002) constata que os crimes praticados relacionados com o tráfico são mais frequentes entre os que consomem, verificando ainda que é o sexo feminino aquele que mais se envolve nesta tipologia de crimes. Torres e Gomes (2005), partindo de um estudo realizado em meio prisional verificaram que, no que se refere ao número de detenções relacionadas com o tráfico, com o tráfico e consumo e com o consumo, estes dois últimos, quando somados, apresentavam percentagens superiores (22.3%) às detenções apenas por tráfico (19.2%). Tal, segundo os autores, poderia ser explicado pela existência do pequeno traficante-toxicodependente que se dedica ao tráfico apenas para sustentar a sua dependência. Os mesmos autores referiram ainda que quando se trata de reclusos detidos por razões relacionadas com drogas, apenas existem dois motivos basilares. Ou foram praticados crimes diretamente relacionados com drogas como o tráfico, tráfico e consumo e apenas consumo, ou foram executados crimes como forma de obtenção de recursos financeiros para suportar a dependência de drogas.

No que respeita apenas aos indivíduos detidos por tráfico, 47.4% afirmaram já ter consumido drogas durante a sua vida, o que, de acordo com os autores, revela uma aproximação entre o universo do consumo e o do tráfico (Torres & Gomes, 2005).

Por sua vez, quando se analisa o tipo de crimes cometidos de acordo com o sexo dos reclusos, Torres e Gomes (2005) revelam que as mulheres são detidas pelo crime de tráfico de drogas (53.3%) manifestando consumos baixos de substâncias ilícitas, associando-se desta forma a prática do crime a um meio de angariação de dinheiro em

contextos sociais desfavorecidos. No entanto, nos homens verifica-se que é a dependência das drogas que os faz cometer outros tipos de crime como forma de obter recursos económicos para financiar os seus consumos.

Também a jurisprudência que se vem firmando permite confirmar a presença da figura do traficante-consumidor, caracterizado como sendo um indivíduo dependente de drogas que, recorrendo ao pequeno tráfico, obtém lucros que lhe permitem continuar a consumir drogas, sustentando assim o seu próprio vício, destacando-se, a título meramente exemplificativo, os Acórdãos do Supremo Tribunal de Justiça (1997; 2011).

Esta figura encontra-se prevista no artigo 26.º do Decreto-Lei nº 15/93 de 22 de Janeiro, preenchendo o referido conceito o sujeito que praticar qualquer dos factos previstos no artigo 21.º para obter plantas, substâncias ou preparações, para seu uso exclusivo.

Capítulo II

Drogas em contexto universitário

2.1. Consumo de drogas em contexto universitário

O consumo de substâncias por parte dos jovens constitui um fenómeno não raras vezes abordado em estudos de vários países, todos revelando uma prevalência significativa de drogas nos mais diversos níveis de ensino (Feijão & Lavado, 2004; Johnston et al., 2010; Neto, Fraga & Ramos, 2012).

Entre as diferentes análises ao fenómeno do consumo de drogas nos estudantes, algumas referem que a juventude é uma fase em que ocorre a transição do ensino secundário para a universidade, levando a que muitos jovens se confrontem com o facto de passarem a viver sozinhos e, conseqüentemente a terem menor controlo parental. Também por isso, o contexto universitário desempenha um papel importante, na medida em que, muitas vezes, é facilitador do consumo de álcool e de outras substâncias, usadas como recurso para aliviar possíveis tensões e favorecer um ambiente de diversão (Laranjo & Soares, 2006; Pinedo, 2012; Wagner & Andrade, 2008).

Vários estudos (Silva et al., 2006; Wagner & Andrade, 2008) foram elaborados ao longo dos anos, abordando a temática do consumo de drogas ilícitas por estudantes do ensino superior, mostrando uma grande prevalência do consumo de certas substâncias por parte dos jovens, em especial os do sexo masculino, onde também eram revelados consumos elevados de tabaco e álcool (Font-Mayolas, Gras & Planes, 2006; Laranjo & Soares, 2006). No entanto, também o consumo por parte do sexo feminino se tem mostrado cada vez mais notável, principalmente em relação ao consumo de cannabis, sendo a cocaína, por sua vez, maioritariamente consumida pelos jovens universitários do sexo masculino (Vásquez et al., 2009).

De acordo com um estudo realizado a 1500 estudantes universitários de uma cidade brasileira, 38% admitiu consumir drogas ilícitas, sendo que as substâncias que mais se destacavam eram o cannabis com uma percentagem de 16% e os inalantes, com cerca de 9% (Fiorini et al., 2003). Também um estudo longitudinal elaborado na Universidade de New England, com estudantes universitários, permitiu concluir que, ao longo de 30 anos, o pico de consumo de drogas ilícitas ocorreu no ano de 1978, verificando-se posteriormente um declínio no consumo das mesmas até ao ano de 1999, sendo que a exceção foi o MDMA ou *ecstasy*, que aumentou de uma forma substancial, tornando-se desta forma a segunda droga mais consumida logo após o cannabis (Pope, Ionescu-Pioggia & Pope, 2001).

Silva et al. (2006), através do seu estudo, abordaram o estilo de vida, a situação económica e o uso de álcool, tabaco, medicamentos e drogas ilícitas entre estudantes universitários, durante um período de 12 meses, verificando que 28.4% dos alunos utilizaram durante esse tempo drogas ilícitas, destacando-se o cannabis (19.7%), inalantes (17.3%) e alucinogénios (5.2%). Os autores verificaram também que relativamente à variável sexo, a percentagem de alunos que consumiram drogas era superior à das alunas, numa percentagem de 36.8% em comparação com 23% respetivamente (Silva et al., 2006).

Também em 2006 uma outra linha de investigação, analisando 580 jovens universitários, permitiu concluir que a prevalência do consumo de cannabis era alta, na medida em que mais de três quartos dos universitários e mais de metade das universitárias experimentaram alguma vez esta droga. Relativamente ao consumo de forma habitual, o estudo permitiu verificar que praticamente metade dos jovens do sexo masculino e que quase um terço dos jovens do sexo feminino teriam sido ou são consumidores de cannabis (Font-Mayolas, Gras & Planes, 2006). Por sua vez, Franco et al. (2007) fazendo apenas referência aos estudantes do primeiro ano da Universidade de Zaragoza, utilizam uma amostra constituída por 2445 alunos para concluir que cerca de 16.5 % do total consome cannabis de forma ocasional, aos fins-de-semana e diariamente, sendo que destes, 57% referem que a maioria dos seus amigos também o faz. É ainda importante referir que de acordo com este estudo 10.4% da totalidade da amostra afirma a existência de consumos de cocaína e “pastilhas” por parte dos amigos.

No contexto português, Fonte e Manita (2003), no âmbito de um estudo levado a cabo na Universidade do Minho relativo ao consumo de drogas entre os estudantes constatarem que o haxixe constitui a droga utilizada na primeira experiência de consumo. Os estudantes questionados referiram, predominantemente, que o consumo ocorria de forma ocasional ou, até mesmo, regular, sendo que, a sua maioria, não se considerou dependente, justificando o consumo pelo prazer e bem-estar propiciado. Continua o estudo das autoras, considerando que os estudantes que referiram consumir drogas julgavam que não existem efeitos negativos, sendo estas tidas como potenciadoras de convívio com os amigos, até porque, quando abordados sobre o contexto em que tais práticas ocorrem, destacam-se os festivais, acampamentos, festas, saídas à noite, no mero convívio com amigos ou até mesmo sozinhos em casa.

Mais estudos (Kerr-Corrêa et al., 1999; Observatório Argentino de Drogas, 2006), analisando diversas variáveis como os diferentes tipos de consumo, a frequência e hábitos associados ao mesmo, revelaram percentagens significativas de consumo de

drogas por parte dos estudantes, confirmando valores elevados de cannabis, sendo que o sexo masculino sobreveio como o mais envolvido neste tipo de comportamentos. Na verdade, o estudo realizado pelo Observatório Argentino de Drogas (2006) torna-se importante na medida em que recorre a uma amostra muito significativa, constituída por 3434 casos, divididos por 21 universidades. Tal como nos outros estudos apresentados, foi possível constatar que as substâncias ilegais mais consumidas tanto durante a vida, como no ano e no mês foram o cannabis, seguindo-se a cocaína. No que se refere à frequência de consumo 4.7% dos inquiridos admitiu consumir diariamente cannabis e 11% algumas vezes durante a semana. No caso de outras drogas como o *ecstasy* e cocaína, os valores são inferiores, sendo que 8.3% referiu consumir cocaína esporadicamente durante a semana e 4.1% consumir *ecstasy* diariamente.

O estudo expõe ainda que um em cada dois estudantes conhece alguém que consome este tipo de substâncias, revelando ainda um dado interessante que, consiste no facto de que os universitários com idades compreendidas entre os 22 e os 25 anos conhecem pessoas que consomem cocaína, alucinogénios e *ecstasy*, enquanto aqueles com idades inferiores, nomeadamente entre os 19 e os 21 anos estão mais em contacto com os que consomem cannabis. Em relação à variável idade constatou-se que, embora os estudantes inquiridos tivessem predominantemente entre os 19 e os 25 anos, eram os estudantes dos 19 aos 21 que mais consumiam substâncias ilegais (Observatório Argentino de Drogas, 2006).

Também estudos mais recentes revelam a existência de drogas ilícitas nas instituições de ensino superior, o que de certa forma confirma e consolida investigações realizadas anteriormente, provando que este fenómeno se tem mantido ou agravado no tempo, atravessando gerações (Andrade, Duarte & Oliveira, 2010; Morales et al., 2011; Palmer et al., 2009; Pinedo, 2012). De acordo com o I Levantamento Nacional sobre o uso de álcool, tabaco e outras drogas feito a estudantes universitários de vinte e sete capitais brasileiras é possível verificar que da totalidade do número de universitários (12711), 48.7% assumiram já ter consumido drogas ilícitas pelo menos uma vez na vida, 35.8% nos últimos 12 meses e 25.9% no último mês. As drogas relatadas com mais frequência foram o cannabis (26.1%), os inalantes (20.4%), as anfetaminas (13.8%), incluindo outras como a cocaína e o *ecstasy* (Andrade, Duarte & Oliveira, 2010).

Vásquez et al., (2009) tendo como principal objetivo estudar a diferença existente entre o consumo percebido e o consumo real de drogas, recorreram a uma amostra de 427 estudantes de uma universidade pública na Colômbia. Os autores (Vásquez et al., 2009) concluíram que em relação à variável sexo, o consumo realizado alguma vez na

vida era maior nos homens, para substâncias como cannabis, tabaco e cocaína, sendo menor para o álcool. No entanto, quando o consumo passa a ser apenas analisado em relação ao último ano, ou seja, 2008, verifica-se que o sexo feminino manifesta um consumo de cannabis ligeiramente superior ao do sexo masculino, verificando-se o inverso nas outras drogas. Através desta investigação Vásquez et al., (2009) concluíram que, embora o consumo de drogas pelos estudantes universitários seja feito predominantemente pelo sexo masculino, os valores do consumo por parte das mulheres aproximam-se, cada vez mais, especialmente quando as substâncias abordadas são o álcool e o cannabis.

Também Palmer et al. (2009) através de um grupo de estudantes universitários concluíram que o cannabis era a droga mais prevalente no último mês, com uma percentagem de 89%. Verificaram também que grande parte da amostra apenas consumia uma única substância (45%), sendo que cerca de 19% consumia duas, 10% revelou três, e 11% admitiu consumir seis ou mais drogas. Recorrendo a uma amostra de 305 estudantes de numa universidade chilena, Morales et al. (2011) averiguaram que o uso de tabaco, álcool e cannabis era significativo nas várias faculdades que constituíam a universidade, principalmente entre os estudantes das áreas da educação e das ciências sociais. No que se refere apenas ao cannabis o estudo apurou as percentagens de consumo de 10.1% para o sexo masculino e 4.5% para o sexo feminino.

Em Portugal, é importante destacar o estudo de Borrego et al. (2013) realizado com 3327 estudantes do 1.º ciclo e mestrados integrados da Universidade de Lisboa no ano de 2012. Este procurou descrever os estilos de vida adotados pelos estudantes da instituição em diversas áreas como saúde e bem-estar, práticas desportivas e de lazer, alimentação, consumo de bebidas alcoólicas e de outras substâncias. Através desta investigação constatou-se que no que concerne à prevalência de consumos de drogas ao longo da vida, 40% dos estudantes revelaram já ter consumido cannabis, sendo que as *smart drugs* e as anfetaminas/metanfetaminas surgem também com percentagens de 5.4% e 3.3% respetivamente. Por sua vez, quando abordado o consumo efetuado nos últimos 30 dias 11.3% dos estudantes admitiram a existência de consumos de cannabis (Borrego et al., 2013).

O estudo procurou ainda analisar a prevalência de policonsumos ao longo da vida, nomeadamente de tranquilizantes/antidepressivos ou sedativos com álcool, de anfetaminas com álcool, de bebidas energéticas com álcool e ainda de outras substâncias psicoativas igualmente com álcool. Dos estudantes analisados cerca de 28% referiu a existência de policonsumos, sendo que a combinação mais utilizada foi de

bebidas energéticas com álcool com uma percentagem de 26%. Por sua vez, a combinação de substâncias psicoativas com álcool obteve uma percentagem de 4.3%, os tranquilizantes/antidepressivos ou sedativos com álcool de 3.5% e por fim as anfetaminas com álcool, cerca de 1.1%. No que concerne à variável idade, o estudo permitiu constatar que as primeiras experiências com drogas ilícitas ocorreram entre os 15 e os 19 anos, sendo que se verificou um início mais tardio (após os 19 anos), de substâncias estimulantes, LSD, GHB, heroína e tranquilizantes (Borrego et al., 2013).

Quando abordado o tipo de situações/ocasiões em que os estudantes consumiram ou consomem verifica-se que existe uma variação de acordo com a substância consumida. Desta forma, os consumos realizados na própria casa ou em casa de amigos são sobretudo de cannabis (72.1%), *smart drugs* (60.6%) e cocaína (56%), sendo que nas saídas à noite existe uma predominância de todas as substâncias ilícitas abordadas, nomeadamente cannabis (60.8%), cocaína (56%), anfetaminas/metanfetaminas (49%) e *smart drugs* (48.5%). Por sua vez, nas festas com estilos de música específicos como *tecno*, *raves* e *trance* são apresentados consumos essencialmente de anfetaminas/metanfetaminas e de cocaína, sendo que nas festas académicas, embora se verifique um consumo baixo de substâncias ilegais, destaca-se o consumo de cannabis com uma percentagem de 33.6% e de *smart drugs* com uma percentagem de 12.1% (Borrego et al., 2013).

Outro estudo realizado em Portugal, mais concretamente a 500 estudantes que frequentavam o Campus Universitário de Lisboa (Campo Grande) procurou analisar a prevalência e padrões de consumo das novas substâncias psicoativas e das substâncias psicoativas ilegais (Ribeiro et al., 2013). Nessa investigação verificou-se que nos consumos de drogas ilícitas ao longo da vida, o cannabis foi a droga mais consumida com uma percentagem de 60.6%, sendo os valores de cocaína (7.5%), anfetaminas/metanfetaminas (5.9%) e LSD (3.5%) relativamente baixos. Por sua vez, nos consumos realizados com base nos últimos 12 meses o cannabis manteve-se como a droga mais utilizada com cerca de 45.9%. No que concerne ao sexo dos estudantes universitários foi possível constatar que tanto no consumo ao longo da vida, como no consumo nos últimos 12 meses o sexo masculino foi o que mais utilizou substâncias ilícitas (Ribeiro et al., 2013). De acordo com os mesmos autores, quando analisado pormenorizadamente o consumo de cannabis nos últimos 12 meses verifica-se que 18.5% dos estudantes consome esta substância menos de uma vez por mês, 8.7% consome duas a quatro vezes por mês, 6.5% duas a três vezes por semana e 4.3% diariamente. No que se refere aos policonsumos, apenas 24% dos estudantes admitiu

realiza-los, especialmente a combinação entre o álcool e os derivados de cannabis (13%) (Ribeiro et al., 2013).

Acrescente-se ao que já foi referido que, no que respeita às motivações apontadas para o consumo, foram, na maioria a curiosidade, o sentir-se bem, o facto de ajudar a relaxar, atingir dimensões espirituais, entre outras. Ainda o estudo permitiu verificar que a maior parte dos consumidores das novas substâncias psicoativas (94%) são também consumidores de drogas ilícitas, especialmente o cannabis (Ribeiro et al., 2013).

Ora, tantas análises têm sido feitas aos consumos de drogas entre a população universitária, e tão pouco se tem pesquisado sobre o tráfico que, certamente, alimentará esses consumos. Não obstante, é reconhecida a existência de circulação de substâncias nas instituições de ensino superior. Lito (2011), no âmbito de uma reportagem para a revista Sábado edição n.º 372 de Junho de 2011, afirma que o consumo de drogas se manifesta alto entre os estudantes universitários, referindo que, de acordo com um dos responsáveis da Clínica de Vila Ramadas, se tem verificado um aumento exponencial de consumidores universitários, nos últimos 5 anos, representando cerca de 85% dos pacientes com mais de 18 anos. De acordo com a jornalista, a maioria dos alunos consumidores nega a dependência, considerando os seus consumos recreativos e controláveis, não procurando, desta forma, tratamento. O cannabis surge assim, como a droga mais popular e utilizada pelos estudantes, sendo fumado nas faculdades como se de um mero cigarro se tratasse.

Em suma, os estudos que se foram identificando ao longo da revisão da literatura acabaram por se debruçar sobre diferentes variáveis, em díspares pontos de vista, muito embora se mantenham insuficientes para um problema tão vasto quanto grave.

2.2. Participação de jovens no tráfico de drogas

A entrada dos jovens sejam eles homens ou mulheres, nas redes de tráfico de drogas é um fenómeno cada vez mais recorrente, para o qual os autores têm tentado procurar justificações (Abramovay, 2006; Dowdney, 2003; Silva & Graner-Araújo, 2011).

Na verdade, os jovens reúnem-se frequentemente em grupos de pares propensos a determinados comportamentos coletivos, legais ou ilegais, sendo este processo reconhecido sociologicamente como fazendo parte integrante do seu ciclo de vida e visto como um aspeto importante no modo de socialização e interação com o seu contexto físico e social (Lima, 2013).

Destarte, Dowdney (2003) analisando as principais razões capazes de motivar crianças e jovens a aderir ao tráfico de drogas chega à conclusão que estas se prendem essencialmente com o *status*, com a obtenção de dinheiro que proporciona o acesso a bens de consumo, com a emoção e adrenalina gerada e ainda com o facto de estes poderem pertencer a um grupo de referência. Também o envolvimento por parte dos pais ou de amigos e a inexistência de uma família estável são apontados como fatores que levam à prática deste crime. Outros autores (Assis, 1999; Barcinski, 2009) referem também que a adesão ao tráfico de drogas é muitas vezes justificada como consequência das dificuldades económicas ou mesmo como alternativa à inclusão no mercado de trabalho. No entanto, tal não pode ser encarado sem qualquer tipo de ressalva dado poder causar um determinismo social problemático.

Embora se reconheça a existência de dificuldades, quer económicas, quer sociais, nos jovens de classes mais desfavorecidas, são o poder e o *status* que o crime traz o que parece mais motivar os jovens para a entrada nesta atividade. Tal poder surge do impacto que estes jovens suscitam nos outros e do facto de serem reconhecidos como pertencendo a um grupo criminoso. Desta forma, a invisibilidade social que estes jovens experienciam é travada pela entrada no tráfico, que a maior parte das vezes representa a única possibilidade que estes têm de pertencer a um grupo (Assis, 1999; Barcinski, 2009).

Recorrendo à elaboração de uma lista de situações e condições que mais conduzem os jovens a ingressarem neste crime, Ramos (2009), verificou que, para além das necessidades financeiras e do desejo de reconhecimento, as razões expostas de

forma mais reiterada foram ter vivido alguma situação de injustiça por parte de vários tipos de intervenientes como polícia, escola, amigos ou outros jovens, ter algum membro da família envolvido no tráfico, possuir uma família desestruturada ou ausente e, por fim, não ter qualquer perspectiva de futuro. Também Torres e Gomes (2005) afirmam que as dificuldades de inserção escolar, a existência de situações familiares problemáticas e de insucessos individuais e sociais constituem fatores capazes de levar os jovens ao consumo de drogas e numa fase posterior a situações de dependência que os orientam para a pequena criminalidade como forma de obter dinheiro para os consumos, podendo conduzir por fim à reclusão.

Faria e Barros (2011) através da sua pesquisa tentaram também compreender quais as motivações que levavam à prática do tráfico de droga, debruçando-se no facto de que os jovens, que, cada vez mais precocemente, eram aliciados para este crime revelavam uma carência de opções, no que concerne à escolha dos seus modos de vida. De acordo com os autores (Faria & Barros, 2011) apesar da existência de limitações que são impostas pelo contexto social, existem determinados fatores psicológicos que são marcados por um certo grau de voluntariedade. Note-se que um estudo brasileiro (Abramovay & Castro, 2005) refere que o tráfico existente dentro das escolas é significativo, sendo exercido por jovens que procuram um caminho para sair da pobreza e uma alternativa para a escassez de meios que lhes permitam utilizar os bens de consumo disponibilizados pela sociedade. Continua este estudo, concluindo, tal como os referidos anteriormente, que os jovens recorrem ao tráfico de drogas com o intuito de garantirem o seu próprio consumo, regendo-se pelos dogmas associados ao dinheiro, poder e violência. Este estudo destaca ainda que o tráfico de drogas nas escolas é assegurado por estudantes, que servem como intermediários para a existência de tais substâncias nos estabelecimentos de ensino.

O tráfico de drogas apesar do seu carácter ilegal é tido como uma opção diante das poucas alternativas existentes. Tal é justificado pelas exigências, cada vez maiores, do mercado de trabalho legal, para o qual estes jovens não estão preparados e também pelo meio social onde se encontram inseridos, aspirando ao sucesso financeiro e ao consumismo e idolatrando todos aqueles que o conseguem atingir, mesmo sendo de forma ilegal (Faria & Barros, 2011).

O tráfico surge então como algo que aproveitando-se das carências dos jovens, da ausência de trabalho e da falta de interesse na escola, serve como um mecanismo de resolução de conflitos internos e também de obtenção de recursos. A exclusão, para além das desigualdades, leva a um sentimento de frustração fazendo com que os jovens

procurem uma integração social perversa como forma de preencher as expectativas e cujo traço principal é a transgressão (Abramovay, 2006).

Os jovens que “trabalham” na indústria do tráfico, tal como outros, têm regras e obrigações de trabalho, sendo o seu contrato feito de forma apenas verbal. Têm como principal objetivo proteger o patrão, estando constantemente em estado de alerta e mantendo o sigilo, garantindo desta forma a circulação da droga. Estes são atraídos pela possibilidade de ganhar dinheiro de uma forma rápida, o que se torna impossível no contexto socioeconómico em que se inserem, sendo apenas intimidados pela mera perspectiva de serem punidos judicialmente (Feffermann, 2013). Neto, Fraga e Ramos (2012), procurando descrever a prevalência do consumo de drogas ilegais em adolescentes e os fundamentos da sua experimentação, analisaram um grupo de 2465 estudantes de 17 anos de escolas públicas e privadas da cidade do Porto. Através do seu estudo, concluíram que dos 14.6% estudantes que admitiram ter consumido drogas pelo menos uma vez na vida, 25% revelaram ter fácil acesso à venda de cannabis, em contexto escolar. Os autores apuraram ainda que grande parte das formas de obtenção das drogas indicadas estavam relacionadas com os amigos, onde se destacavam a partilha de droga entre grupos de amigos, a droga como sendo oferecida por amigos mais velhos, da mesma idade ou até mais novos e ainda a compra a amigos.

Ainda no âmbito do tráfico de drogas realizado entre populações jovens, e de acordo com o Eurobarómetro do ano de 2011 cerca de 49% dos jovens portugueses com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos consideravam que era relativamente fácil ou mesmo muito fácil obter cannabis, quando tal era desejado, num período de 24 horas. Já no que concerne à obtenção de outras substâncias ilícitas como cocaína e *ecstasy* as percentagens afiguravam-se relativamente menores, designadamente 23% e 22% (Observatório Permanente da Juventude, 2014).

É possível afirmar que, na verdade, os estudos não são abundantes a respeito das questões do tráfico nas universidades, mas várias têm sido também as notícias publicadas que revelam uma grande predominância de jovens relacionados com o tráfico em vários pontos do país. As diversas notícias constataam a presença de indivíduos jovens que comercializam substâncias ilícitas, principalmente cannabis e haxixe, sendo que alguns o fazem nas imediações dos estabelecimentos de ensino, sendo responsáveis pela introdução de quantidades significativas de droga nos mesmos (A Voz da Figueira, 2014; Diário de Notícias, 2012; Jornal de Notícias, 2014a; Jornal de Notícias, 2014b; Varela, 2011).

2.2.1. Consumo e tráfico de drogas em contexto universitário

Em jeito de síntese, e tal como já foi referido anteriormente, o consumo e o tráfico de drogas nas universidades é um fenómeno que se reveste de especial importância na sociedade, na medida em que, para além de se estar perante um comportamento desviante, também a prática de um crime está presente, não podendo ser esquecido que estes comportamentos ocorrem, cada vez mais, entre os jovens (Font-Mayolas, Gras & Planes, 2006; Lito, 2011; Palmer et al., 2009).

Diga-se ainda que a associação entre estes dois comportamentos pode ser explicada através da premissa de que onde existem consumidores de droga, existem traficantes. Podendo ainda constatar-se que estes dois comportamentos se encontram intimamente relacionados, o que se traduz numa similaridade entre a sua ocorrência. Ou seja, em locais onde o consumo seja elevado, muito provavelmente também o tráfico o será e, por sua vez, em locais onde o consumo seja diminuto presumivelmente o tráfico também.

Neste sentido, Barros e Pimentel (2007) referem que é expectável que a estrutura de oferta se adapte às necessidades e características de procura. O facto da informação disponível sobre consumos de droga referir que cerca de metade dos consumidores iniciaram os consumos entre os 15 e os 19 anos, revela que tem de existir uma organização por parte das estruturas de distribuição para que desta forma estas possam ter acesso à população estudantil no seu meio, levando assim à existência de redes de distribuição com uma estrutura leve e descentralizada.

Destarte, é feita uma organização da distribuição que se adapta aos diferentes consumidores alvo, nomeadamente à população universitária, entre outras. Esta constante procura de inovação nas formas de distribuição permite chegar a diferentes populações de consumidores, sendo que muitas vezes se verificam vendas fragmentadas ao consumidor, justificadas pela necessidade de capilaridade existente na relação estabelecida com o consumidor final (Barros & Pimentel, 2007).

Laranjo e Soares (2006), aquando do seu estudo realizado em 2003 num conjunto residencial universitário no Estado de São Paulo, constataram, por meio da realização de entrevistas, o que aqui se vem defendendo, isto é, o estudante assumia a existência de traficantes de droga e a sua direta relação com o facto de lá existirem compradores.

Conforme se tem vindo a revelar, apesar de existirem diversos estudos relativos ao consumo de drogas em contexto universitário, o mesmo não sucede com o tráfico de drogas nas universidades, havendo no entanto algumas análises que acabam por tocar no tema, como Fonte e Manita (2003) que, através do seu estudo, concluem que a maioria dos estudantes universitários que consomem drogas, a compram a amigos ou conhecidos, sendo que, um número significativo dos sujeitos inquiridos admitiu não querer contactar diretamente com os vendedores, pelo perigo que daí advém, preferindo recorrer aos tais intermediários. Também a perceção do acesso às drogas é abordada ao longo do estudo, referindo os inquiridos que o haxixe é facilmente adquirido, dada a sua abundância nestes meios, coadjuvada com o facto de ser amplamente divulgado, contrariamente ao que sucede, por exemplo, quanto aos cogumelos e à “erva”.

De acordo com o trabalho de Lito (2011), já anteriormente aqui mencionado, o tráfico de drogas nas universidades é assegurado maioritariamente por estudantes universitários, que recorrem a esta via para sustentar o seu próprio consumo e ganhar algum dinheiro com o objetivo de fazer face às suas despesas do dia-a-dia. Ao que parece, e de acordo com a mesma fonte, o problema é corrente, passando despercebido pela presença de códigos e técnicas subtis de comunicação entre compradores e vendedores, que recorrem a locais da própria universidade, com particular enfoque para os bares, casas de banho, corredores, estacionamento e até mesmo salas de aula, para proceder à atividade. Também na universidade, nomeadamente em alguns parques de estacionamento mais recônditos e de pouca iluminação a droga vai circulando após as 23 horas até às 6 horas da manhã, no que se relata como sendo uma movimentação intensa e estranha de carros. Esta atividade implica ainda a realização de um meticoloso agendamento de tarefas por parte dos alunos traficantes, como forma de fazer face aos pedidos dos clientes. Desta forma são estabelecidos determinados dias para vender drogas como haxixe e cocaína em pequenas quantidades e outros dias para se abastecerem com *dealers* externos à faculdade, a preços mais baixos, ou seja, adquirem as drogas no exterior para posteriormente serem comercializadas na faculdade.

No que concerne ao meio como é realizado o tráfico, Lito (2011), através dos vários relatos, apurou que tanto a droga como o dinheiro são passados dentro de revistas, livros e mochilas, sendo o pedido feito diretamente, por telefone, nomeadamente através de mensagens com letras e algarismos para identificar as substâncias e as doses, ou ainda pela internet através de redes de conversação como o *Messenger* ou o *Skype*. Os alunos que traficam, detentores de uma postura discreta, falando baixo e utilizando roupa com um estilo casual, apenas atendem chamadas durante os intervalos, não respondendo a mensagens de remetentes desconhecidos, não aceitando

pagamentos diferidos no tempo, nem procurando clientes, esperando antes que estes os contactem. É ainda importante referir que, segundo a mesma fonte de informação, o tráfico realizado nestas instituições de ensino distingue-se do tráfico executado em grande escala, na medida em que apenas é feito entre amigos, não resultando em lucros colossais, sendo que cerca de 70% dos clientes são colegas de diversos cursos como engenharia, enfermagem ou ainda informática. Os preços vão variando de acordo com o estado em que se encontram os consumidores, existindo uma inflação quando estes se encontram alterados, nomeadamente em festas universitárias ou quando não têm outras alternativas de compra.

Acresce que, atendendo ao lucrativo exercício desta prática, aliado à descontração e leviandade com que é encarada, os estudantes revelam pretender perpetuar a atividade após o término do seu percurso académico (Lito, 2011).

Parte B

Contribuição Empírica

Capítulo III

O estudo

3.1. Método

O estudo realizado teve como referência um plano exploratório, transversal, descritivo e assente no autorrelato. Para tal recorreu-se ao método de inquérito sustentado pela técnica do questionário, administrado de forma *online* a uma amostra de estudantes universitários. O instrumento, construído para o efeito, foi previamente submetido a um pré-teste, de forma a ser possível determinar a eventual necessidade de alterações, para que desta forma a recolha de toda a informação, a que se pretendia aceder, fosse exequível.

Este trabalho foi desenvolvido tendo em vista o alcance de diversos objetivos. De um modo mais genérico procurou-se captar os aspetos mais relevantes do consumo e tráfico de drogas em contexto universitário, mais especificamente, procurou-se apurar o padrão de consumos mais frequente entre estes estudantes, o acesso às substâncias, os locais e aspetos situacionais de venda e de consumo de drogas entre esta população.

Assim, podem definir-se as questões centrais de investigação da seguinte forma:

Haverá, entre os estudantes universitários práticas como o tráfico de drogas?

Os estudantes que eventualmente estejam envolvidos no tráfico de drogas serão predominantemente consumidores, ou pelo contrário serão não consumidores de substâncias?

Os espaços em que ocorrem consumos e venda de drogas entre estudantes universitários pertencerão às universidades ou suas imediações?

A fim de obtermos respostas a estas questões, e tentando alcançar os objetivos traçados, passou-se à recolha de dados junto de uma amostra que se caracteriza de seguida.

3.1.1. Caracterização da amostra

O estudo foi produzido com uma amostra de 402 estudantes universitários de diversos pontos do país e de vários estabelecimentos de ensino, públicos e privados. Desta forma tratou-se de uma amostra heterogénea, cujo critério de inclusão foi apenas tratar-se de indivíduos que frequentassem o ensino superior português.

No que concerne à distribuição dos indivíduos em relação à variável sexo, é possível verificar-se, através do quadro 1, que a população inquirida é constituída por 214 elementos do sexo masculino e 188 do sexo feminino, o que afigura, respetivamente 53.2% e 46.8% da amostra. Destarte, embora as percentagens apresentadas não se igualem, constata-se que não existe uma discrepância considerável dos valores.

Quadro 1.

Distribuição dos indivíduos em função do sexo.

Sociodemográficos - Sexo		
Sexo	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Masculino	214	53.2
Feminino	188	46.8
Total	402	100.0

Relativamente à distribuição dos indivíduos por faixas etárias é possível constatar-se pela observação do quadro 2 que as idades variam entre os 18 e os 53 anos, sendo que a maioria dos estudantes tem 22 anos (18.7%), seguindo-se os que tem 23 (14.2 %), 21 (13.9%) e 20 (12.2%). Ainda no que se refere à variável idade, verifica-se que a idade mencionada com mais frequência é 22 anos, sendo o valor médio das idades 22.35 anos. Importa ainda referir, a este respeito, que se optou por não agrupar as idades, uma vez que existe uma grande dispersão de resultados, principalmente a partir dos 33 anos.

Quadro 2.

Distribuição dos indivíduos em função da idade.

Sociodemográficos - Idade		
Idade	Moda=22	Média=22.35
	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
18	30	7.5
19	35	8.7
20	49	12.2
21	56	13.9
22	75	18.7
23	57	14.2
24	37	9.2
25	26	6.5
26	13	3.2
27	3	0.7
28	2	0.5
29	6	1.5
30	1	0.2
31	2	0.5
32	2	0.5
33	2	0.5
36	2	0.5
38	1	0.2
41	1	0.2
49	1	0.2
53	1	0.2
Total	402	100.0

Em relação ao estado civil, tal como se pode observar pelo quadro 3, conclui-se que 96.8% dos estudantes são solteiros (389 estudantes) e que os restantes 3.2% encontram-se casados ou em união de facto.

Quadro 3.

Distribuição dos indivíduos em função do estado civil.

Sociodemográficos – Estado Civil		
Estado Civil	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Solteiro	389	96.8
Casado(a) / União de Facto	13	3.2
Total	402	100.0

Por sua vez, quando analisado o ciclo que os participantes no estudo frequentam, é possível constatar-se, através do quadro 4, que são o mestrado e a licenciatura os que detêm o maior número de estudantes, com uma percentagem de 56.7% e 42.3% respetivamente. Em relação ao 3º ciclo de estudos (doutoramento), são referidos 4 estudantes, o que representa apenas 1.0% dos participantes.

Quadro 4.

Distribuição dos indivíduos em função do ciclo de estudos frequentado na Universidade.

Sociodemográficos – Ciclo frequentado na Universidade		
Ciclo	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
1º Ciclo (licenciatura)	170	42.3
2º Ciclo (mestrado)	228	56.7
3º Ciclo (doutoramento)	4	1.0
Total	402	100.0

Quanto ao domínio científico, ou seja, à área de estudos dos indivíduos é possível averiguar, através do quadro 5, que a grande maioria pertence às ciências tecnológicas, essencialmente engenharias, com uma percentagem de 74.9%. Seguidamente surgem as ciências da saúde, as ciências sociais, enquanto que as artes e as ciências empresariais, que abrangem, entre outras, as áreas de contabilidade, gestão e finanças, são as que detêm o menor número de estudantes.

Quadro 5.

Distribuição dos indivíduos em função do domínio científico em que estudam.

Sociodemográficos – Domínio Científico		
Domínio Científico	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Artes	2	0.5
Ciências Empresariais	12	3.0
Ciências da Saúde	50	12.4
Ciências Sociais	37	9.2
Ciências Tecnológicas	301	74.9
Total	402	100.0

Partindo da análise do quadro 6, verifica-se que 87.1% dos participantes são meramente estudantes, sendo que apenas 12.9% exercem uma profissão simultaneamente.

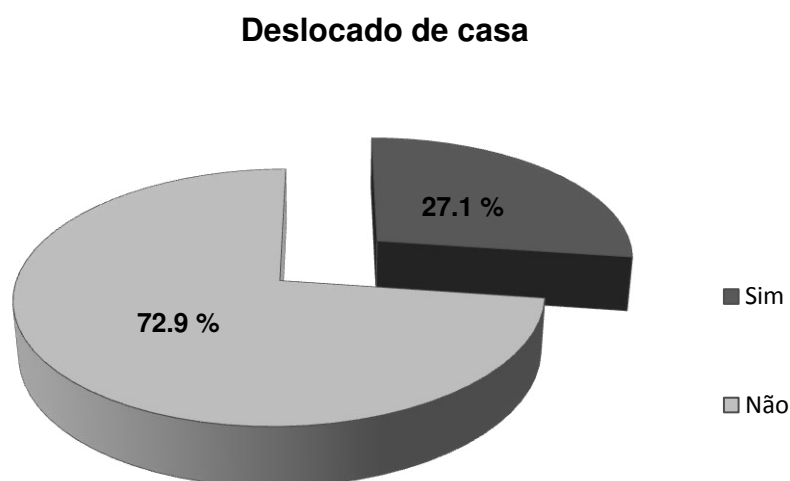
Quadro 6.

Distribuição dos indivíduos em função da situação ocupacional.

Sociodemográficos – Situação Ocupacional		
Situação Ocupacional	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Estudante	350	87.1
Trabalhador - Estudante	52	12.9
Total	402	100.0

Por sua vez, através do gráfico 1, é revelado que a maioria dos estudantes universitários não se encontra deslocada de casa, representada por uma percentagem de 72.9%. No entanto, uma pequena minoria, figurada por 27.1% afirma estar a viver longe de sua casa durante o período escolar.

Gráfico 1.
Distribuição dos indivíduos em função da deslocação de casa.



Dado que 27.1% dos estudantes referem estar deslocados de casa, importa perceber a que distância se encontram da sua residência habitual. Destarte, através do quadro 7 é possível constatar-se que 13.4% dos estudantes referem estar a menos de 100 km de casa e 9.9% entre os 100 e os 300 km.

Quadro 7.
Distribuição dos indivíduos em função do número de km que os separa de casa.

Sociodemográficos – Número de km		
Número de km	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Menos de 100	52	13.4
Dos 100 aos 300	38	9.9
Dos 301 aos 500	3	0.9
Dos 501 aos 700	1	0.3
Mais de 700	11	3.0

n = 402

3.1.2. Materiais e procedimento

Vários instrumentos poderiam ser utilizados para a recolha de dados, sendo escolhido o método do inquérito por questionário construído prévia e propositadamente para a elaboração deste estudo (Cf. Anexo I). Este consiste num conjunto ordenado e consistente de perguntas/questões sobre variáveis e situações que se pretende medir ou descrever, permitindo alcançar os objetivos inicialmente delineados (Martins & Theóphilo, 2007; Moreira, 2007).

Dada a inexistência de um questionário que fosse de encontro às necessidades deste estudo, procedeu-se à elaboração de um instrumento desde a sua raiz, capaz de recolher todas as informações consideradas pertinentes e de extrema utilidade para o desenvolvimento desta linha de investigação, e tendo sempre em vista os objetivos a que nos propusemos. Desta forma, após a elaboração do mesmo, e tendo em conta todos os requisitos enunciados anteriormente, recorreu-se à execução do pré-teste, com uma pequena amostra de 10 estudantes universitários, para que fosse possível constatar inconsistências, complexidade de questões formuladas, ambiguidades, perguntas embaraçosas, linguagem inacessível, entre outros, tal como bem referem Martins e Theóphilo (2007).

Assim, através da análise do pré-teste, foi possível evidenciar algumas falhas, nomeadamente ao nível do redirecionamento de certas questões, para outras em face das respostas dadas e ainda na formulação de questões passíveis de serem confundidas, dado o conteúdo das mesmas ser muito semelhante, sendo feita uma reformulação do questionário e redução de determinados itens. Destarte, contribuiu-se para o aprimoramento e aumento da confiabilidade e validade do questionário, garantindo-se que o instrumento se ajustasse na sua totalidade ao propósito da investigação, seguindo as recomendações de Martins e Theóphilo (2007).

No que concerne aos tipos de questões apresentadas ao longo do questionário foram levadas a cabo duas metodologias distintas. Recorreu-se assim a questões do tipo fechado, tanto dicotômicas como de múltipla escolha, sendo que, face à amplitude do tema em apreço impôs-se ainda o recurso a questões do tipo aberto.

Formalmente o presente instrumento encontra-se subdividido em quatro partes distintas, em prol de uma lógica e coerente organização de conteúdos, encadeando-se

por esta via numa linha de raciocínio. Assim, a primeira parte dedica-se aos dados sociodemográficos, a segunda à identificação de consumos em contexto universitário, a terceira à identificação das particularidades desses mesmos consumos e por fim a quarta à identificação das particularidades do acesso às drogas em contexto universitário.

Posteriormente converteu-se o questionário para o formato *online*, estando disponível aproximadamente um mês, para que fosse possível abranger um número elevado e heterogéneo de estudantes universitários e ainda a ser um instrumento de fácil divulgação, tanto por via do correio eletrónico como das redes sociais. Facilitou a adesão ao mesmo o facto do seu preenchimento apenas ocupar cerca de 15 minutos, de forma totalmente digital.

Importa ainda referir neste ponto, que foram observados todos os princípios éticos e deontológicos a que o investigador está obrigado, havendo no início do questionário *online* uma declaração de consentimento em participar no estudo, a par da informação sobre o que trataria o mesmo. Acresce ainda que houve o cuidado de assegurar a efetiva garantia de anonimato e confidencialidade dos dados.

Por fim, importa mencionar que a análise dos dados estatísticos foi elaborada de acordo com o programa *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) na versão 22.0, para que desta forma fosse possível retirar os resultados apresentados.

3.2. Apresentação dos resultados

Neste capítulo serão apresentados os resultados, após terem sido tratados os dados obtidos pela realização deste estudo, essencialmente no âmbito do instrumento utilizado, o questionário. Tenha-se ainda em consideração que, dado que grande parte das perguntas permitia a escolha de duas ou mais hipóteses, a soma das percentagens ali obtidas não corresponderá, forçosamente, a 100%.

Desta forma, no que concerne à identificação de consumos em contexto universitário, foi possível constatar, através do quadro 8, que cerca de 30% dos estudantes universitários admite consumir ou já ter consumido substâncias ilegais.

Quadro 8.

Distribuição dos indivíduos em função do consumo de substâncias.

Resultados – Consumo de substâncias		
Consumo de substâncias	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Sim	120	29.9
Não	282	70.1
Total	402	100.0

A este propósito, importa proceder-se a um cruzamento de dados em relação aos 29.9% de inquiridos que admitem consumir ou ter consumido drogas, com o objetivo de se determinar certas características. Assim, tenha-se em consideração que, no seio dos indivíduos que consomem ou consumiram drogas, constata-se que 68.3% são do sexo masculino, conforme demonstra o quadro 9.

Quadro 9.

Distribuição dos indivíduos consumidores em função do sexo.

Resultados – Sexo dos consumidores		
Sexo	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Masculino	82	68.3
Feminino	38	31.7
Total	120	100.0

No que concerne à situação ocupacional dos inquiridos e a sua relação com o facto de consumirem ou terem consumido drogas, constata-se, através da análise dos quadros 10 e 11, que os trabalhadores-estudantes, em percentagem, apresentam valores mais elevados. Concretizando, enquanto que no universo de indivíduos que se dedicam exclusivamente ao estudo, o consumo ronda os 29%, já no que diz respeito aos trabalhadores-estudantes, essa percentagem ascende aos 36.5%.

No entanto, tenha-se ainda em linha de conta que o número de elementos em situação de emprego conjugado com o estudo é substancialmente inferior, totalizando apenas 52 num universo de 402, o que motivou a subdivisão da situação ocupacional dos indivíduos em dois quadros autónomos, atendendo a que, num único, os valores apresentados afigurar-se-iam falaciosos, dada a manifesta discrepância entre eles, adulterando os valores a ponto de os estudantes que também exercem uma profissão apresentarem um índice mais baixo de consumo, quando, na verdade, tal é falso.

Quadro 10.

Distribuição dos indivíduos estudantes em função do consumo de substâncias.

Resultados – Situação ocupacional dos consumidores		
Consumo de substâncias	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Sim	101	28.9
Não	249	71.1
Total	350	100.0

Quadro 11.

Distribuição dos indivíduos estudantes-trabalhadores em função do consumo de substâncias.

Resultados – Situação ocupacional dos consumidores		
Consumo de substâncias	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Sim	19	36.5
Não	33	63.5
Total	52	100.0

Quando se procede à análise da relação entre os estudantes que consomem ou consumiram drogas e o facto de estarem ou não deslocados de casa, verifica-se através do quadro 12, que apenas 19.2% se encontram a estudar longe da sua residência habitual, sendo que a grande maioria (80.8%) não o está.

Quadro 12.

Distribuição dos indivíduos consumidores em função da deslocação de casa.

Resultados – Consumidores deslocados de casa		
Deslocado	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Sim	23	19.2
Não	97	80.8
Total	120	100.0

De acordo com o quadro 13, quando inquiridos sobre as substâncias que mais consomem ou consumiram, os estudantes universitários revelaram um maior consumo de haxixe com uma percentagem de 23.9%, seguindo-se a cocaína com 4.2%, o *ecstasy* com 4.0% e o LSD com 3.2%. No que concerne aos consumos de heroína e *crack* os valores obtidos não se revelam significativos, com percentagens de 0.2%.

Refere-se também que cerca de 9.7% dos universitários mencionou consumir outras substâncias, nomeadamente erva.

Quadro 13.

Substâncias consumidas pelos inquiridos.

Resultados – substâncias consumidas		
Substância	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Haxixe	96	23.9
Cocaína	17	4.2
Heroína	1	0.2
Crack	1	0.2
LSD	13	3.2
Ecstasy	16	4.0
Outras	39	9.7

n=402

Quando questionados acerca da existência de consumos por parte de colegas uma grande maioria refere que tem colegas que consomem ou que consumiram substâncias ilegais, com uma percentagem de 73.9%, sendo que apenas 26.1% afirma desconhecer consumidores, podendo ser verificada esta situação através do quadro 14.

Quadro 14.

Distribuição dos indivíduos em função do consumo de substâncias por parte dos colegas.

Resultados – Consumo de substâncias por parte dos colegas		
Consumo de substâncias	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Sim	297	73.9
Não	105	26.1
Total	402	100.0

Dada a elevada percentagem constatada anteriormente, importa conhecer quais as substâncias ilegais mais consumidas, podendo verificar-se no quadro 15 que o haxixe permanece como a substância mais consumida também entre os colegas, com uma significativa percentagem de 48.3%, seguindo-se o *ecstasy* com 14.9% e a cocaína com 12.9%.

Dos estudantes universitários inquiridos 20.1% refere ainda o consumo de outras substâncias por parte dos seus colegas, nomeadamente de erva (18.2%), sendo que 1.9% admite não ter conhecimento das substâncias mais comumente consumidas pelos seus colegas.

Quadro 15.

Substâncias consumidas pelos colegas.

Resultados – substâncias consumidas pelos colegas		
Substância	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Haxixe	194	48.3
Cocaína	52	12.9
Heroína	14	3.5
<i>Crack</i>	13	3.2
LSD	36	9.0
<i>Ecstasy</i>	60	14.9
Outras	81	20.1

n=402

Refira-se ainda que, quando efetuado um cruzamento de dados entre os estudantes que consomem ou consumiram drogas e o conhecimento de colegas com o mesmo tipo de comportamentos, constata-se que 95% reconhece ter colegas que também consomem ou consumiram drogas, como decorre do quadro 16.

Quadro 16.

Distribuição dos indivíduos consumidores em função do consumo por parte dos colegas.

Resultados – Consumo de substâncias por parte dos colegas		
Consumo de substâncias	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Sim	114	95.0
Não	6	5.0
Total	120	100.0

Por sua vez, entre os estudantes que não consomem drogas, verifica-se que 64.9% conhece colegas que consomem ou consumiram substâncias ilegais, podendo tal situação ser verificada no quadro 17.

Quadro 17.

Distribuição dos indivíduos não consumidores em função do consumo por parte dos colegas.

Resultados – Consumo de substâncias por parte dos colegas		
Consumo de substâncias	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Sim	183	64.9
Não	99	35.1
Total	282	100.0

Ainda no que se refere aos consumos por parte dos colegas da Universidade, nomeadamente às substâncias que parecem ser mais consumidas por estes, constatou-se, através do quadro 18, que mais uma vez o haxixe é relatado com mais frequência, designadamente 57.7%. Já o *ecstasy*, por sua vez assume uma percentagem mais baixa de 20.6%, seguindo-se a cocaína (17.7%) e o LSD (12.7%).

Em relação a outras substâncias cerca de 29% dos estudantes universitários acredita existirem outras substâncias ilegais consumidas pelos seus colegas da universidade, nomeadamente erva, com uma percentagem de 22.7%, sendo que 6.5% refere não saber.

Quadro 18.

Substâncias percebidas como mais consumidas entre os colegas da Universidade.

Resultados – substâncias consumidas pelos colegas		
Substância	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Haxixe	232	57.7
Cocaína	71	17.7
Heroína	21	5.2
Crack	17	4.2
LSD	51	12.7
Ecstasy	83	20.6
Outras	118	29.4

n=402

No que concerne à identificação das particularidades dos consumos em contexto universitário foi possível verificar-se, através do quadro 19, que as experiências de consumos entre os estudantes ocorrem essencialmente na rua fora do campus da universidade com uma percentagem de 71.9%. Por sua vez, 43.8% refere que estas se verificam em casa e 24.9% no campus da universidade. É ainda possível constatar que 10.4% dos estudantes universitários afirma a existência de outros espaços onde os consumos ocorrem.

Importa mencionar que dada a imensa variedade de respostas obtidas nesta questão, nomeadamente na opção “Outro”, que constituía uma questão aberta, foi necessário, após uma análise prévia dos resultados, construir diversas categorias capazes de abranger os vários tipos de resposta, podendo tal situação ser verificada no quadro 20. Desta forma, partindo da análise do quadro 21, é possível verificar que a categoria “Momentos Recreativos Noturnos” destaca-se como sendo os espaços onde mais estudantes universitários consomem drogas ilegais (4.2%), sendo que também a resposta “Não sei” se verifica em percentagem semelhante.

Quadro 19.

Espaços de consumo.

Resultados – Espaços de consumo			
Espaços	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)	
Campus da Universidade	100	24.9	n=402
Casa	176	43.8	
Rua, fora do campus da Universidade	289	71.9	
Outro	41	10.4	

Quadro 20.

Categorias relativas aos espaços de consumo dos universitários.

Espaços de consumo dos estudantes universitários	
Categoria	Respostas Apresentadas
Espaços/ Momentos Recreativos	Acampamentos
	Bares
	Casa de amigos
	Discotecas
	Espaços de diversão noturna
Momentos Recreativos Noturnos	Festas
	Durante as noitadas ou saídas com amigos
	Noite
	Saídas à noite/ Saídas noturnas/ Vida noturna
Espaços/ Contexto Universitário	Festas académicas
	Jantares académicos
	Residências universitárias

Quadro 21.

Outros espaços de consumo.

Resultados – Outros espaços de consumo		
Categorias	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Espaços/ Momentos Recreativos	10	2.5
Momentos Recreativos Noturnos	17	4.2
Espaços/ Contexto Universitário	3	0.7
Não sei	11	2.7

n=402

De acordo com o quadro 22, quando inquiridos acerca dos períodos onde tais experiências de consumo ocorrem, observa-se que 77.4% dos estudantes universitários consome durante a noite, sendo que uma grande parte o faz fora do horário de aulas (50.5%). É ainda importante constatar que cerca de 39% admite consumir em época de aulas, durante a semana e 37% durante o fim-de-semana, sendo que 15.7% o faz durante o dia. No que respeita aos consumos no horário de aulas verifica-se que 10.4% dos inquiridos o admite fazer, o que se traduz num valor bastante significativo.

Ainda cerca de 3.2% dos estudantes refere não ter conhecimento de quando ocorrem os consumos, verificando-se ainda a existência de um *missing value*.

Quadro 22.

Períodos de consumo.

Resultados – Períodos de consumo		
Períodos	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Época de aulas (durante o fim de semana)	147	36.6
Época de aulas (durante a semana)	156	38.8
Durante a noite	311	77.4
Durante o dia	63	15.7
No horário de aulas	42	10.4
Fora do horário de aulas	203	50.5
Outro	14	3.5

n=402

Relativamente à identificação das particularidades do acesso às drogas em contexto universitário procurou-se perceber em que locais é que se processava a aquisição ou venda de drogas pelos estudantes universitários. De acordo com os resultados, expressos no quadro 23, a maioria utiliza os espaços exteriores à universidade, nomeadamente a rua, fora do campus, com uma percentagem de 62.7%. Verifica-se ainda que 35.3% utiliza casas particulares, sendo que 28.1% o faz na rua mas nas imediações da universidade.

Tais resultados revelam ainda que 22.6% dos estudantes universitários inquiridos compra ou vende drogas ilegais no campus da universidade, sendo que alguns o chegam

mesmo a fazer dentro das instalações desta, mais precisamente nos bares com uma percentagem de 12.9% e nas salas de aula com uma percentagem de 2.5%.

Quanto à existência de outros locais de compra e venda de drogas, 12.2% dos inquiridos admitiu não o saber, sendo apresentadas, no entanto, algumas palavras dos inquiridos consideradas de especial relevância, expostas no quadro 24.

Quadro 23.

Locais de aquisição/ venda de drogas pelos estudantes universitários.

Resultados – locais de aquisição/ venda de drogas			
Locais	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)	
Campus da Universidade	91	22.6	n=402
Casas particulares	142	35.3	
Rua, fora do campus da Universidade	252	62.7	
Rua, nas imediações da Universidade	113	28.1	
Bares da Universidade	52	12.9	
Salas de aula	10	2.5	
Outro	52	12.9	

Quadro 24.

Palavras dos inquiridos a respeito dos locais de aquisição/venda de drogas.

Locais de aquisição/ venda de drogas	
Palavras do próprio	<i>“Contacta-me que tbm vendo.”</i>
	<i>“Locais a combinar por mensagem ou telefone, não usando palavras incriminadoras.”</i>

No entanto, quando analisados estes dados no universo de estudantes consumidores de drogas, destaque-se que 30% refere que ocorre no campus da universidade, 28.3% na rua, nas imediações da universidade, sendo que uma percentagem menor, no entanto significativa, admite que tais comportamentos sucedem no interior da instituição, designadamente nos bares (11.7%) e nas salas de aula (3.3%), como resulta do quadro 25. Saliente-se que, neste contexto, apenas são referidos os locais considerados mais pertinentes para o estudo, na medida em que os consumidores se encontram numa posição privilegiada para demonstrar que a transação de drogas, sucede, num número significativo de vezes, no próprio espaço da Universidade.

Quadro 25.

Locais de aquisição/ venda de drogas pelos estudantes universitários de acordo com os estudantes consumidores.

Resultados – locais de aquisição/ venda de drogas			
Locais	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)	
Campus da Universidade	36	30.0	n=402
Rua, nas imediações da Universidade	34	28.3	
Bares da Universidade	14	11.7	
Salas de aula	4	3.3	

Questionados sobre os responsáveis por assegurar a aquisição/ venda de drogas aos estudantes universitários, os inquiridos revelam, com uma percentagem de 68.2%, serem os estudantes universitários que também consomem os principais a realizar tal atividade. Também com um valor próximo surgem os indivíduos externos à universidade que consomem (63.2%), verificando-se, desta forma, um maior envolvimento nesta atividade daqueles que consomem drogas, tal como constatado pelo quadro 26.

Por sua vez, os indivíduos externos à universidade que não consomem apresentam uma percentagem de 21.6%, constatando-se um menor envolvimento por parte dos estudantes universitários não consumidores de drogas ilegais (11.9%).

Os inquiridos revelam ainda que a aquisição e venda de drogas ilegais é assegurada por outras pessoas tais como amigos, verificando-se verbalizações relevantes, onde é expresso o próprio envolvimento do inquirido, nomeadamente através da resposta “Eu”.

Também a resposta “Não sei” é narrada por 10.9% dos participantes, existindo ainda um *missing value*.

Quadro 26.

Identificação dos indivíduos que vendem drogas a estudantes universitários.

Resultados – Identificação do indivíduo que trafica			
Descrição		Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Traficantes (venda)	Estudantes universitários consumidores	274	68.2
	Estudantes universitários não consumidores	48	11.9
	Externos à Universidade consumidores	254	63.2
	Externos à Universidade não consumidores	87	21.6
	Outro	47	11.7
		n=402	

Quando comparados os resultados obtidos pelos estudantes consumidores em relação aos indivíduos que asseguram a venda de drogas a estudantes universitários, refira-se, que a grande maioria dos traficantes são consumidores, valor que se fixa em 76,7% para os estudantes que traficam e 73,3% para indivíduos externos à universidade, conforme resulta da análise do quadro 27.

Quadro 27.

Identificação dos indivíduos que vendem drogas a estudantes universitários de acordo com os estudantes consumidores.

Resultados – Identificação do indivíduo que trafica			
Descrição		Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Traficantes (venda)	Estudantes universitários consumidores	92	76.7
	Estudantes universitários não consumidores	19	15.8
	Externos à Universidade consumidores	88	73.3
	Externos à Universidade não consumidores	25	20.8
	n=402		

Por fim, a última pergunta, de resposta aberta, permitia aos inquiridos acrescentar informações, que lhes parecessem importantes, sobre a venda de drogas a estudantes universitários, constatando-se a presença de inúmeras verbalizações de extrema importância, apresentadas no quadro 28.

Quadro 28.

Palavras dos inquiridos a respeito das informações adicionais.

Informações Adicionais	
As palavras dos próprios	<i>“A venda de droga é aliciante e atrai muita gente para as suas teias, muito mais nesta altura de dificuldade, que os estudantes tem menos dinheiro. Não conheço pessoas em concreto, porque nunca se revelam, mas sei que existem.”</i>
	<i>“É óbvio que a droga mais consumida é cannabis (erva, chocolate), fora e dentro do meio universitário.”</i>
	<i>“Existem redes de distribuição de cannabis (a flor e não o Haxixe importado) estabelecidas em que mais de 90% dos membros são estudantes universitários. Dado o facto de ser ilegal, os preços são altamente inflacionados e os lucros geralmente muito altos. No entanto mais de metade das pessoas que distribuem drogas fazem-no com o objectivo de pagar o próprio consumo.”</i>
	<i>“Normalmente quem procura pode encontrar junto daqueles que consomem ou quem consome fornecerá o contacto do vendedor.”</i>
	<i>“Sei que alguns alunos se drogam pelo que se vê nos corredores da faculdade e nas ruas perto da faculdade. A faculdade devia ter segurança mais apertada. Nos corredores da faculdade, em época de exames, estudantes vendem drogas específicas para “turbinar” a memória e conseguem estudar horas e horas a fio.”</i>
	<i>“Vendo barato mas ha bué totil concorrência. Ganda quality.”</i>

3.2.1. Discussão dos resultados

Neste ponto, expostos os resultados obtidos, urge proceder-se a uma reflexão, e análise crítica dos mesmos, em que se estabelece uma ponte com os resultados até então demonstrados pela literatura existente, apurando-se, por esta via, os denominadores comuns e as divergências.

No que concerne aos resultados obtidos no estudo, constatou-se que a maioria dos inquiridos é do sexo masculino, com 22 anos, destacando-se ainda o facto dos temas aqui abordados serem delicados, suscitando a hipótese de determinadas perguntas mais diretas não serem respondidas de forma tão honesta como pretendido.

Neste seguimento, muito embora cerca de 70% da amostra tenha referido que não consome nem consumiu drogas, a verdade é que 74% admitiu ter colegas que o fazem ou fizeram, o que indicia, neste particular, a possibilidade de os inquiridos terem necessidade de optar por determinadas respostas, por não serem socialmente reprováveis, em virtude de um certo receio ou até mesmo estigma social. Importa, neste caso, ter em consideração a presença de uma certa desejabilidade social que, num tema tão delicado, poderá estar a manifestar-se entre alguns dos inquiridos.

Por sua vez, após a realização de um cruzamento de dados que teve por base os 29.9% dos indivíduos que referiram consumir ou terem consumido drogas, foi possível delinear-se determinados fatores comuns com os estudos existentes.

Assim, tenha-se em consideração que, no seio dos indivíduos que consomem ou consumiram drogas, constatou-se que 68.3% são do sexo masculino. Tais resultados vão de encontro aos estudos existentes que abordam esta temática, revelando-se uma certa tendência e imutabilidade, sendo, por conseguinte, transversal a diversas gerações (Font-Mayolas, Gras & Planes, 2006; Franco et al., 2007; Morales et al., 2011; Observatório Argentino de Drogas, 2006; Palmer et al., 2009; Ribeiro et al., 2013). Não se olvidando, no entanto, o crescente envolvimento feminino no consumo de substâncias ilegais, também referido por Vásquez et al. (2009).

Já no que diz respeito à situação ocupacional dos inquiridos e a sua relação com o consumo, constatou-se que os trabalhadores-estudantes apresentaram, em percentagem, um maior envolvimento com drogas.

Perante tais resultados, crê-se que a razão pela qual o consumo entre os trabalhadores-estudantes se manifesta em maior escala se encontra estritamente relacionada com a independência financeira que advém dos proventos do seu trabalho, o que vai de encontro ao estudo de Nóbrega et al. (2012), quando refere que apesar das dificuldades económicas existentes, uma parte da amostra adquire drogas com o seu próprio dinheiro, resultado do seu trabalho.

Também Abramovay e Castro (2005) referem que a utilização de drogas está intimamente ligada com o facto de os estudantes trabalharem ou não, na medida em que quando trabalham apresentam uma maior disponibilidade de recursos para investir na compra de droga e mais independência da família (Carlini-Cotrim, 1987, *cit. in* Abramovay & Castro, 2005, p. 68). Franco et al. (2007) por sua vez, concluem, através da sua investigação, que os estudantes que consomem drogas apresentam maiores percentagens de compatibilização entre os estudos e o trabalho remunerado.

Reitera-se ainda que a amostra destes no presente estudo se afigurou diminuta (52), quando comparada com o número de estudantes em exclusivo (350).

Quanto à relação que se estabelece entre os estudantes que consomem ou consumiram drogas e o facto de estarem ou não deslocados de casa, observou-se que grande parte dos consumidores não se encontra fora ou distante de casa.

Tais resultados não vão de encontro aos defendidos por vários autores (Laranjo & Soares, 2006; Pinedo, 2012; Wagner & Andrade, 2008), na medida em que estes referem que a entrada dos jovens para a universidade pressupõe o aumento das liberdades e também das responsabilidades, passando muitos deles a viver sozinhos e como consequência a terem menor controlo parental. A ausência de supervisão parental surge assim associada ao maior envolvimento dos jovens com drogas (Bahr, Hoffmann & Yang, 2005), sendo que Laranjo e Soares (2006) referem mesmo a existência de estudos, com estudantes universitários, que comprovam que o facto de estes morarem longe da família aumenta as hipóteses de consumirem drogas, o que de certa forma não é notável nos resultados obtidos, verificando-se, na verdade, o oposto.

Através da análise dos estudantes que consomem ou consumiram drogas, verificou-se ainda que uma maioria significativa referiu ter colegas que também o fazem ou fizeram. Esta percentagem expressiva (95%) indicia que os estudantes universitários que consomem poderão tender a estabelecer relações de proximidade com colegas que também manifestam os mesmos comportamentos, o que corrobora os resultados obtidos

por Franco et al. (2007) quando referem no seu estudo que os estudantes que consomem têm, na sua maioria, amigos que também o fazem.

Na verdade, a existência de alguém consumidor de drogas no ambiente em que a pessoa se encontra, aumenta as suas condições de vulnerabilidade para o consumo de drogas, quer pela mera experimentação ou curiosidade, quer pela influência/pressão exercida pelo grupo de pares (Observatório Argentino de Drogas, 2006; Vásquez et al., 2009). Tal poderá também justificar-se atendendo a que os estudantes universitários têm por hábito, a maioria das vezes, reunirem-se em grupos propositadamente para consumirem drogas, como refere Lito (2011).

Todavia, também no seio dos estudantes universitários que não consomem nem consumiram substâncias ilegais se verificou a elevada percentagem de indivíduos que admitiram ter colegas que adotam tais comportamentos. Este fenómeno poder-se-á justificar pelo facto do consumo dentro das universidades se encontrar banalizado, tal como é referido por Lito (2011) ao longo do seu artigo. Também o Observatório Argentino de Drogas (2006) refere que um em cada dois estudantes universitários conhece indivíduos, próximos do seu ambiente, que consomem drogas, o que de certa forma também vai de encontro aos resultados obtidos, dada a enorme prevalência desta situação.

No que concerne às principais substâncias consumidas pelos estudantes universitários, tal como foi referido anteriormente, o haxixe afigurou-se como sendo a droga mais utilizada com uma prevalência muito significativa. Resultado este obtido tanto da análise dos estudantes que consomem ou consumiram drogas, como daqueles que afirmaram terem colegas que o fazem. Diga-se ainda, a este propósito, que, quando questionados acerca das substâncias que lhes parecem ser mais utilizadas, quase 60% da amostra seleccionou também o haxixe.

Destaque-se que uma margem significativa da população inquirida referiu outras substâncias, designadamente “erva”, termo utilizado para caracterizar a cannabis, sendo o haxixe um derivado da mesma. Quando analisados os vários estudos científicos existentes constata-se que, tal como resultou da presente investigação, o haxixe, em alguns casos mencionado na sua aceção mais ampla (cannabis) se manifestou como a substância mais consumida (Andrade, Duarte & Oliveira, 2010; Borrego et al., 2013; Font-Mayolas, Gras & Planes, 2006; Franco et al., 2007; Morales et al., 2011; Observatório Argentino de Drogas, 2006; Palmer et al., 2009; Ribeiro et al., 2013; Silva et al., 2006; Vásquez et al., 2009).

Esta predominância é passível de ser explicada em razão de diversos fatores, dos quais se destaca a sua abundância, o baixo custo associado, com a inerente popularidade que daí deriva, também envolta numa certa banalização e no facto de ser tida como inofensiva para a saúde (Fonte & Manita, 2003; Lito, 2011).

Também através das próprias palavras proferidas pelos estudantes inquiridos é possível constatar-se esta leviandade com que os consumos são encarados, bem como a prevalência de consumo do haxixe, na medida em que referem que:

“É óbvio que a droga mais consumida é cannabis (erva, chocolate), fora e dentro do meio universitário.”

Também no sentido dos estudos até aqui abordados, a cocaína, LSD e *ecstasy* surgem como as drogas mais consumidas pelos estudantes universitários logo após o haxixe (Andrade, Duarte & Oliveira, 2010; Borrego et al., 2013; Font-Mayolas, Gras & Planes, 2006; Franco et al., 2007; Morales et al., 2011; Observatório Argentino de Drogas, 2006; Palmer et al., 2009; Ribeiro et al., 2013; Silva et al., 2006; Vásquez et al., 2009).

No que diz respeito aos locais em que ocorre o consumo de drogas pelos estudantes universitários, constatou-se que 24.9% se verifica no campus da universidade, atendendo a que, conforme refere Lito (2011), os estudantes fumam cannabis como se de cigarros se tratasse. Destacando-se ainda que 10.4% reconheceu que o consumo ocorre no horário de aulas.

Ainda quanto ao período em que as substâncias ilegais são consumidas, 77.4% da população inquirida admitiu que se verifica no período noturno fora do campus da universidade, enquadrando-se todavia nesta realidade os convívios e festas universitárias, bem como, em maior escala, os momentos recreativos noturnos desassociados do contexto universitário, em que se destacam os bares, discotecas ou mesmo no exterior. Tal é referido por Borrego et al. (2013), quando no seu estudo questionam os estudantes que consomem ou consumiram drogas acerca do tipo de situações em que tal comportamento se verificou, chegando à conclusão que as saídas à noite, as festas com estilos musicais específicos e as festas académicas são locais propícios à realização dos consumos.

Similarmente Laranjo e Soares (2006) afirmam, ao longo da sua investigação, que os estudantes encaram o consumo de drogas como sendo um processo de socialização nas residências universitárias, sendo que o primeiro contacto com as drogas surge em

atividades sociais, como festas, churrascos e saídas com amigos. Também os bares, festas nas residenciais (Kerr-Corrêa et al., 1999), discotecas e acampamentos são apontadas como locais onde se verifica o uso frequente destas substâncias (Fonte & Manita, 2003).

No concernente às particularidades do acesso às drogas em contexto universitário, quando conjugadas com o universo de estudantes que consomem ou consumiram substâncias ilegais, importa destringir entre os locais em que ocorre a aquisição e venda, bem como os intervenientes nesse processo. Justificou-se esta sobreposição uma vez que se crê que os estudantes que consomem ou consumiram têm uma posição privilegiada neste campo em concreto.

Ainda a este propósito refira-se que, apesar de terem existido outras respostas com percentagens superiores, apenas foram apresentados estes resultados dada a sua pertinência em função do presente estudo. Acrescente-se que a distribuição das percentagens nesta sobreposição de respostas afigurou-se semelhante à anteriormente exposta no quadro 23 que descreve os participantes no estudo, no seu todo, com base nos locais de aquisição/ venda de drogas.

Nos termos já enunciados, é manifesta a escassez de estudos neste campo, apenas se reconhecendo o artigo desenvolvido por Lito (2011), o qual se encontra consonante, grosso modo, com a investigação aqui levada a cabo, nomeadamente no que concerne à existência de tráfico de drogas no interior dos estabelecimentos de ensino, onde se destacam, pela sua relevância e gravidade, os próprios bares e até mesmo salas de aula.

Neste sentido, e pela especial relevância que assume, importa citar as próprias palavras da população inquirida obtidas no âmbito da investigação desenvolvida, que revelam, não só que o consumo e o tráfico efetivamente existem no meio universitário, mas também que o mesmo funciona de uma forma discreta envolta num certo corporativismo entre os intervenientes envolvidos.

“Locais a combinar por mensagem ou telefone, não usando palavras incriminadoras.”

“Sei que alguns alunos se drogam pelo que se vê nos corredores da faculdade e nas ruas perto da faculdade (...) Nos corredores da faculdade, em época de exames, estudantes vendem drogas específicas para “turbinar” a memória e conseguem estudar horas e horas a fio.”

Por fim, resultou da sobreposição de dados referente aos estudantes que consomem ou consumiram drogas com os fornecedores, que a grande maioria dos traficantes também consomem, independentemente de serem estudantes ou não.

Fonte e Manita (2003), neste seguimento, citam um estudante inquirido que reconhece que os vendedores de haxixe e cannabis também consomem drogas, todavia de outra estirpe, onde se inserem a cocaína e a heroína. Por sua vez, também no estudo desenvolvido as palavras dos estudantes se manifestaram reveladoras ao referirem que:

“Normalmente quem procura pode encontrar junto daqueles que consomem ou quem consome fornecerá o contacto do vendedor.”

Também Lito (2011) observa que os estudantes universitários que recorrem à prática de tais comportamentos o fazem com o propósito de satisfazer as suas próprias necessidades de consumo, bem como com o intuito de fazer face às despesas do quotidiano.

A este respeito, também os inquiridos reconheceram o fator económico como determinante para o envolvimento neste tipo de atividades, seja para garantir o seu próprio consumo ou com o objetivo de obter lucros. Concretizando, tal como os estudantes inquiridos referiram, através das suas próprias palavras, como se pode verificar nos resultados:

“A venda de droga é aliciante e atrai muita gente para as suas teias, muito mais nesta altura de dificuldade, que os estudantes tem menos dinheiro.”

“Existem redes de distribuição de cannabis (a flor e não o Haxixe importado) estabelecidas em que mais de 90% dos membros são estudantes universitários. Dado o facto de ser ilegal, os preços são altamente inflacionados e os lucros geralmente muito altos. No entanto mais de metade das pessoas que distribuem drogas fazem-no com o objectivo de pagar o próprio consumo.”

Ainda outros autores (Agra, 2002; Torres & Gomes, 2005) referindo-se à figura do traficante noutros contextos observam que o consumo é predominante nestes sujeitos, podendo por esta via assumir-se esta característica como denominador comum, aplicável a todos os traficantes, como também resulta inequivocamente da investigação que aqui se apresenta.

Por seu turno, quanto aos estudantes que traficam substâncias ilícitas, constatou-se que representam um assinalável veículo para a circulação e existência de tais substâncias em contexto universitário. Destacando-se ainda o facto de, também aqui, se assistir a uma certa similitude com o quadro 26, que distribui os participantes no estudo, em função dos responsáveis pela venda de drogas.

Conclusão

Por fim, e após ter sido desenvolvido todo este processo, revela-se urgente tecer as considerações e extrair as conclusões que se julguem pertinentes e suportadas pelos resultados, bem como responder às questões que foram inicialmente levantadas. Assim, o estudo que aqui se desenvolveu, teve como técnica privilegiada um questionário, o que permitiu, em consonância com os anteriores estudos, concluir-se pela efetiva existência de consumo e tráfico de drogas entre estudantes universitários e dentro dos seus estabelecimentos de ensino.

Assim sendo, é altura de analisarmos as respostas encontradas para as questões centrais de investigação antes colocadas, bem como os objetivos que efetivamente foram alcançados. No que se refere à primeira grande questão, a de procurar saber se haverá, entre os estudantes universitários, práticas como o tráfico de drogas, pode depreender-se dos resultados que sim, há realmente estudantes universitários envolvidos no tráfico de drogas.

Já no que remete para a questão seguinte, em torno da eventual coexistência, no mesmo indivíduo, do estatuto de consumidor e traficante de drogas, apurou-se que os estudantes universitários que traficam, de acordo com os resultados obtidos, são, na sua grande maioria, consumidores, sendo certo que, também à luz da investigação levada a cabo, a maioria dos traficantes externos à universidade consomem drogas.

Por fim, sobre a última grande questão imposta pelo presente estudo, relativa aos locais em que ocorrem consumos e venda de drogas entre estudantes universitários, obteve-se um vasto leque de respostas, inferindo-se pela existência destas práticas quer nas próprias universidades, quer nas suas imediações.

Este estudo manifestou-se, desde logo, relevante em virtude da plena consciência instalada na sociedade, de que é um problema real e que reclama soluções rápidas e eficazes. Problema este exponencialmente grave, quando se toma em consciência que, a juventude que hoje estuda nas universidades portuguesas, guiará, num futuro próximo, o país, sendo a questão da estabilidade e sustentabilidade das gerações vindouras, que mais alarma a população.

Por outro lado, a determinação dos resultados aqui expostos procedeu-se por duas vias essenciais. A primeira, de carácter lógico dedutivo, assenta na premissa de que

onde existem consumidores, sobejamente verificado em contexto universitário nos estudos já existentes, também se verificará a presença de traficantes.

A segunda via que permite aferir da existência do tráfico de substâncias ilícitas, reside na investigação desenvolvida, em que uma parcela significativa da população inquirida reconhece que o tráfico de drogas ocorre dentro dos estabelecimentos de ensino, nomeadamente nos bares ou, até mesmo, salas de aula.

Resulta ainda da análise do universo estudado que grande parte dos traficantes são, também eles, consumidores, independentemente da condição de estudante, não se olvidando que as práticas relacionadas com drogas são maioritariamente associadas ao sexo masculino, notando-se todavia, seguindo-se uma linha cronológica, um crescimento do envolvimento feminino nestas práticas.

Isto posto, acrescente-se que se pretendeu, com o presente, analisar-se o problema da existência de drogas nas universidades, até então analisado unicamente na ótica do consumo, de uma forma unitária, completa e desfragmentada e que permitiu não só reiterar o seu efetivo consumo, mas ainda os seus modos de entrada nos circuitos universitários, pese embora a extrema dificuldade, por parte das universidades, de o reconhecerem.

Todavia, facto é que existe o consumo e tráfico de drogas nas universidades, constituindo uma preocupação entre a sociedade, em geral, bem como entre os próprios estudantes. Neste sentido, releva parafrasear-se uma expressão utilizada por um dos alunos inquiridos e que demonstra isso mesmo.

“Sei que alguns alunos se drogam pelo que se vê nos corredores da faculdade e nas ruas perto da faculdade. A faculdade devia ter segurança mais apertada. (...)”

No entanto, tal como previsto desde o primeiro momento que se dedicou a este tema, inúmeros foram os obstáculos encontrados durante o seu desenvolvimento. Destarte, destaque-se o facto haver muito poucos estudos e, em Portugal, praticamente nenhum que se concentre realmente no fenómeno do tráfico de drogas assegurado por estudantes nas universidades.

Entre as dificuldades encontradas, deve mencionar-se a possibilidade de, mesmo sendo um estudo em que os inquiridos responderam através de um questionário *online*, haver desejabilidade social, o que impõe mais reticências à possibilidade de generalização destes resultados e destas conclusões. Acrescente-se que a amostra,

sendo já considerável, não é no entanto suficientemente representativa dos estudantes universitários em Portugal, o que limita também qualquer possível generalização. Precisamente por isso, os estudos neste domínio poderiam trazer luz a muito mais aspetos associados, sobretudo, ao tráfico de drogas que se opera nas nossas universidades.

Já em sede de nótulas finais, espera-se que com o presente se tenha dado voz a esta preocupação instalada, e ainda que se tenha prestado o contributo para a análise mais detalhada, não só do consumo, mas também do tráfico de drogas nas universidades, constituindo-se também mais um importante passo no combate de tais práticas.

Referências Bibliográficas:

- A Voz da Figueira (2014). *PSP deteve duas pessoas por tráfico de droga junto a escola*. [Em linha.] Disponível em <<http://www.avozdafigueira.pt/index.php/noticias-na-hora/item/1130-psp-deteve-duas-pessoas-por-tr%C3%A1fico-de-droga-junto-a-escola>>. [Consultado em 04/07/2014].
- Abramovay, M. (2006). *A Violência e as cidades: os jovens e o tráfico de drogas - Belo Horizonte. XV encontro Regional da Abrapso, Belo Horizonte*.
- Abramovay, M. e Castro, M. (2005). *Drogas nas escolas: versão resumida*. Brasil, Edições UNESCO.
- Acórdão do Supremo Tribunal de Justiça (1997). Processo n.º 1205/97 - 3ª Secção. [Em linha.] Disponível em <http://www.pgdlisboa.pt/jurel/stj_mostra_doc.php?nid=5876&codarea=2>. [Consultado em 14/08/2014].
- Acórdão do Supremo Tribunal de Justiça (2011). Processo n.º 127/09.3 - 5ª Secção. [Em linha.] Disponível em <<http://www.dgsi.pt/jstj.nsf/954f0ce6ad9dd8b980256b5f003fa814/9961da644ecd915e8025795200362d57?OpenDocument>>. [Consultado em 14/08/2014].
- Agra, C. (2002). *Entre droga e crime*. 2ª ed. Lisboa, Editorial Notícias.
- Agra, C. e Matos, A. (1997). *Trajectórias desviantes*. Lisboa, Gabinete de Planeamento e de Coordenação do Combate à Droga.
- American Psychiatric Association (2006). *DSM-IV-TR Manual de diagnóstico e estatística das perturbações mentais*. 4ª ed. Lisboa, Climepsi Editores.
- Andrade, A., Duarte, P., e Oliveira, L. (2010). *I Levantamento nacional sobre o uso de álcool, tabaco e outras drogas entre universitários das 27 capitais brasileiras*. Brasília, Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas.
- Assis, S. (1999). *Traçando caminhos numa sociedade violenta: a vida de jovens infratores e de seus irmãos não infratores*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz.

- Bahn, S., Hoffmann, J. e Yang, X. (2005). *Parental and Peer Influences on the Risk of Adolescent Drug Use*. The Journal of Primary Prevention, Vol. 26, N.º 6, pp. 529-551.
- Barcinski, M. (2005). *Protagonismo e vitimização na trajetória de mulheres envolvidas na rede do tráfico de drogas no Rio de Janeiro*. Ciência & Saúde Coletiva, 14 (2), pp. 577-586.
- Barcinski, M. (2009). *Centralidade de gênero no processo de construção da identidade de mulheres envolvidas na rede do tráfico de drogas*. Ciência & Saúde Coletiva, 14 (5), pp. 1843-1853.
- Barros, P. e Pimentel, I. (2007). *Análise do Mercado da Cannabis – O Lado da Oferta*. Coleção Estudos – Universidades, Instituto da Droga e da Toxicodependência.
- Borrego, R., Silvestre, S., Ferreira, V., Rowland, J., Truninger, M., Silva, P., Lavado, E. e Melo, R. (2013). *Consumos e Estilos de Vida dos Estudantes do Ensino Superior*. Projeto de responsabilidade social consumos Acadêmicos.
- Braz, J. (2010). *Investigação Criminal: A organização, o método e a prova – Os desafios da nova criminalidade*. Coimbra, 2ª Edição, Edições Almedina.
- Carrapiço, H. (2005). *O Crime Organizado e as Novas Tecnologias: uma Faca de Dois Gumes*. Revista Nação e Defesa, N.º 111 – 3.ª Série. Instituto da defesa Nacional, pp. 175 – 192.
- Chaves, M. (1997). *“Estrutura de oportunidades ilegais” e formas de argumentação no Casal Ventoso*. Revista Toxicodependências, Vol. 3, N.º 2, pp. 7-14.
- Craveiro, A. e Reis, D. (2009). *Violência, Criminalidade e Tráfico de Drogas: Uma realidade vivenciada por adolescentes em conflito com a lei*. [Em linha.] Disponível em <http://www.unioeste.br/campi/cascavel/ccsa/VIIIseminario/EXTENSAO/SERVICO_SOCIAL/ARTIGO_94.pdf>. [Consultado em 16/07/2014].
- Costa, C. e Leal, J. (2004). *A Criminalidade Associada à Droga: Evolução Comparativa 1996-1999 e 2000-2003*. Secção Central de Informação Criminal – Direcção Central de Investigação do Tráfico de Estupefacientes.

- Diário de Notícias (2012). *PSP detém dois jovens por tráfico de haxixe*. [Em linha.] Disponível em <http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=2564508&seccao=Norte>. [Consultado em 04/07/2014].
- Dijck, M. (2007). *Discussing Definitions of Organised Crime: Word Play in Academic and Political Discourse*. HUMSEC Journal Issue 1.
- Dowdney, L. (2003). *Crianças do Tráfico: Um Estudo de Caso de Crianças em Violência Armada Organizada no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Editora Sete Letras.
- Escohotado, A. (2004a). *História elementar das drogas* (J. Barreiros, Trad.). Lisboa, Antígona.
- Escohotado, A. (2004b). *Historia general de las drogas* (6ª Ed.). Madrid: Espasa Calpe.
- Europol (2011). *EU Organised Crime Threat Assessment*. [Em linha.] Disponível em <https://www.europol.europa.eu/sites/default/files/publications/octa_2011_1.pdf>. [Consultado em 16/07/2014].
- Europol (2012). *Europol Review – General Report on Europol Activities*. [Em linha.] Disponível em <https://www.europol.europa.eu/sites/default/files/publications/europolreview2012_0.pdf>. [Consultado em 16/07/2014].
- Faria, A. e Barros, V. (2011). *Tráfico de Drogas: Uma opção entre escolhas escassas*. Psicologia & Sociedade, 23 (3), pp. 536 – 544.
- Favio, P., Marivel, M. e Betty, P. (2001). *Percepcion Acerca Del Consumo de drogas en Estudiantes de una Universidad Nacional*. Psicoactiva 19, pp 29 – 45.
- Feffermann, M. (2013). *Reflexões sobre os jovens inseridos no tráfico de drogas: uma malha que os enreda*. Saúde & Transformação Social, Vol. 4, N.º 2, pp. 55-65.
- Feijão, F. e Lavado, E. (2004). *Evolução do consumo de drogas na adolescência – Ruptura ou continuidade?* Revista Toxicodependências, Vol. 10, N.º 3, pp. 31-47.
- Fernandes, J. (1997). *Actores e Territórios Psicotrópicos: Etnografia das Drogas numa Periferia Urbana*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto.

- Filho C., Assunção, R., Silva, B., Marinho, F., Reis, I. e Almeida, M. (2001). *Conglomerados de homicídios e o tráfico de drogas em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, de 1995 a 1999*. Cad. Saúde Pública, 17 (5), pp. 1163-1171.
- Fiorini, J., Alves, A., Ferreira, L., Fiorini, C., Durães, S., Santos, R., Nascimento, L., Geraldini, A. e Ortiz, C. (2003). *Use of licit and illicit drugs at the University of Alfenas*. Rev. Hosp. Clín 58 (4). Faculdade de Medicina de São Paulo, pp. 199-206.
- Fonseca, A. F. (1997). *Psiquiatria e psicopatologia*. Vol. I, 2.^a ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Fonseca, C. R. (2006). *Consumo de Drogas: crime ou Contra-Ordenação?* [Em linha.] Disponível em <http://www.estig.ipbeja.pt/~ac_direito/CRF.pdf>. [Consultado em 10/07/2014].
- Font, J. e Rufí, J. (2006). *Geopolítica, identidade e globalização*. São Paulo: Annablume Editor.
- Fonte, C. (2006). *Comportamentos Aditivos: Conceito de Droga, Classificações de Drogas e Tipos de Consumo*. Revista da Faculdade de Ciências da Saúde 3, Porto. Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Fonte, C. e Manita, C. (2003). *Consumos de Drogas em Estudantes da Universidade do Minho: Construções de Significados*. Revista Toxicodependências, Edição IDT, Vol. 9, N.º 3, pp. 61-74.
- Font-Mayolas, S., Gras, M. e Planes, M. (2006). *Análisis del patrón de consumo de cannabis en estudiantes universitarios*. Adicciones, Vol. 18, N.º 4, pp. 337-344.
- Franco, A., Agustín, A., Baile, A., Valero, P. e Puerta, I. (2007). *Consumo de drogas en estudiantes universitarios de primer curso*. Adicciones: Revista de sociodrogalcohol, Vol. 21, N.º 1, pp. 21-28.
- Goldstein, P. (1986). *Homicid Related to Drug Traffic*. Bull. N.Y. Acad. Med., Vol. 62, N.º 5, pp. 509 – 516.
- Gonçalez, A., Bonagura, A., Garcia, B., Almeida, L., Kuguimiya, L. e Lopes, P. (2004). *Crime Organizado*. [Em linha.] Disponível em <<http://www.buscalegis.ufsc.br/revistas/files/anexos/12155-12155-1-PB.htm>>. [Consultado em 10/07/2014].

- Gonçalves, R. A. e Salém C. F. (2002). *Droga, comportamento criminoso e psicopatia: resultados de um estudo comparativo*. Revista Toxicodependências, Edição SPTT, Vol. 8, N.º 3, pp. 27 – 36.
- Johnston, L., O'Malley, P., Bachman, J. e Schulenberg, J. (2010). *Monitoring the future. National survey results on drug use, 1975-2009*. Maryland: U.S. Department of Health and Human Services.
- Jornal de Notícias (2014 a). *Detidos seis suspeitos de tráfico de droga junto a escolas da Guarda*. [Em linha.] Disponível em <http://www.jn.pt/PaginalInicial/Seguranca/Interior.aspx?content_id=3958657>. [Consultado em 04/07/2014].
- Jornal de Notícias (2014 b). *Detidos sete suspeitos de vender droga na zona escolar de Penafiel*. [Em linha.] Disponível em <http://www.jn.pt/PaginalInicial/Seguranca/Interior.aspx?content_id=3695487>. [Consultado em 04/07/2014].
- Kerr-Corrêa, F., Andrade, A., Bassit, A. e Boccuto, N. (1999). *Uso de álcool e drogas por estudantes de medicina da Unesp*. Rev Bras Psiquiatr, 21 (2).
- Lacerda, R. (2008). *As drogas na Sociedade*. Revista Igualdade, Livro 41, pp. 1-54.
- Laranjo, T., e Soares, C. (2006). *Moradia universitária: processos de socialização e consumo de drogas*. Revista Saúde Publica, 40 (6), pp. 1027-34.
- Lima, R. (2013). *Gangues, Novíssimas Guerras e (Sub)Cultura da Violência/Delinquência*. Instituto Superior de Economia e Gestão – CEaA Documento de Trabalho N.º 120-2013.
- Lito, R. (2011, Junho 16). *Tráfico na faculdade*. Revista Sábado, pp. 41, 50.
- Lynam, M. (2014). *Drugs in society. Causes, concepts, and control* (7th Ed.). London, Elsevier.
- Martins, A. G. (1998). *Os Sistemas Penais, o Tráfico e o Consumo de Drogas*. Revista Toxicodependências, Edição SPTT, Vol. 4, N.º 3, pp. 65 – 82.
- Martins, G. e Theóphilo, C. (2007). *Metodologia da Investigação Científica para Ciências Sociais Aplicadas*. São Paulo, Editora Atlas.

- Morales, G., Valle, C., Belmar, C., Orellana, Y., Soto, A. e Ivanovic, D. (2011). *Prevalencia de consumo de drogas en estudiantes universitarios que cursan primer y cuarto año*. Rev Med Chile, 139, 1573-1580.
- Moreira, C. (2007). *Teorias e Práticas de Investigação*. 1ª ed. Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Morrison, S. (2002). *Approaching Organised Crime: Where Are We Now and Where Are We Going?*. Trends and Issues in Crime and Criminal Justice. Canberra: Australian Institute of Criminology, N.º 231.
- Negreiros, J. (1997). *Consumo de drogas nas prisões portuguesas*. Lisboa, Gabinete de Planeamento e Coordenação do Combate à Droga.
- Neto, C., Fraga, S. e Ramos, E. (2012). *Consumo de substâncias ilícitas por adolescentes portugueses*. Rev Saúde Pública, 46 (5), pp. 808-15.
- Nóbrega, M., Simich, L., Strike, C., Brands, B., Giesbrecht, N. e Khenti, A. (2012). *Policonsumo simultâneo de drogas entre estudantes de graduação da área de ciências da saúde de uma universidade: Implicações de gênero, sociais e legais, Santo André – Brasil*. Texto Contexto Enferm, Vol. 21, pp. 25-33.
- Nunes, L. (2010). *Crime e Comportamentos Criminosos*. Porto, Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Nunes, L. (2011). *Droga-Crime: (Des)construções*. Porto, Edições Fernando Pessoa.
- Nunes, L. e Jóluskin, G. (2010). *Drogas e Comportamentos de Adição: Um Manual para Estudantes e Profissionais de Saúde*. Porto, Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Nunes, L. e Sani, A. (2013). Tráfico de droga e vitimação – percepção de (in)segurança. In *Construir a Paz: Visões Interdisciplinares e Internacionais Sobre Conhecimentos e Práticas - Família, Justiça Social e Comunitária*, pp. 134 – 137. Porto, Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Observatório Argentino de Drogas (2006). *Estudio acerca del “Consumo de Sustancias Psicoactivas” en Estudiantes Universitarios del Interior del País*. República Argentina
- Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência (2013). *Relatório Europeu sobre Drogas – Tendências e Evoluções*. Lisboa.

- Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência (2014). *Relatório Europeu sobre Drogas – Tendências e Evoluções*. Lisboa.
- Observatório Permanente da Juventude (2014). Portugal no Eurobarómetro “Atitudes dos Jovens em Relação às Drogas”. [Em linha.] Disponível em <<http://www.opj.ics.ul.pt/index.php/noticias/114-eurobarometro-drogas>>. [Consultado em 05/08/2014].
- Oliveira, A. (2007). *As peças e os mecanismos do crime organizado em sua atividade tráfico de drogas*. Dados – Revista de Ciências Sociais, V. 50, N.º 4, pp. 699 – 720. Brasil, Universidade Candido Mendes.
- Organização Mundial da Saúde (2004). *Neurociências: Consumo e Dependência de Substâncias Psicoativas* – Resumo. Genebra, Organização Mundial da Saúde.
- Organização Mundial da Saúde (2006). *Psychoactive substances*. [Em linha.] Disponível em <http://www.who.int/substance_abuse/terminology/psychoactive_substances/en/index.html>. [Consultado em 05/04/2014].
- Palmer, R., McMahon, T., Moreggi, D., Rounsaville, B. e Ball, S. (2009). *College Student Drug Use: Patterns, Concerns, Consequences, and Interest in Intervention*. National Institutes Of Health.
- Pereira, E. (2011). *O Tráfico de Drogas Ilícitas: Uma Modalidade do Crime Organizado*. [Em linha.] Disponível em <http://www.bibliotecapolicia.com.br/upload/documentos/O-TRAFICO-DE-DROGAS-E-O-CRIME-ORGANIZADO-21069_2011_8_7_51_24.pdf>. [Consultado em 05/07/2014].
- Pimenta, A. e Rodrigues, M. (2006). *Redução de danos: Prostituição e toxicodependência*. Revista Toxicodependências, Edição IDT, Vol. 12, N.º 1, pp 49-54.
- Pinedo, M. (2012). *Influencia del consumo de drogas en los estudiantes universitarios*. Rev Estomatol Herediana 22 (4), pp. 247 – 256
- Poiars, C. (1998). *As drogas ilícitas: Consumo, Incriminação e Desculpabilização*. Revista Toxicodependências, Edição SPTT, Vol. 4, N.º 3, pp 57-66.

- Poiares, C. (2002). A descriminalização do consumo de drogas: abordagem juspsicológica. *Revista Toxicodependências*, Edição SPTT, Vol. 8, N.º 2, pp 29-36.
- Pope, H., Ionescu-Pioggia, M. e Pope, K. (2001). *Drug Use and Life Style Among College Undergraduates: A 30-Year Longitudinal Study*. *Am J Psychiatry* 158:9, pp. 1519-1521.
- Pratta, E. e Santos, M. (2006). *Reflexões sobre as relações entre drogadição, adolescência e família: um estudo bibliográfico*. *Estudos de Psicologia* 11 (3), pp. 315 – 322.
- Pratta, E. e Santos, M. (2009). *O Processo Saúde – Doença e a Dependência Química: Interfaces e Evolução*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Vol. 25, N.º 2, pp. 203 – 211.
- Ramos, S. (2009). *Meninos do Rio: Jovens, violência armada e polícia nas favelas cariocas*. Centro de Estudos de Segurança e Cidadania, Boletim Segurança e Cidadania n.º 13.
- Ribeiro, C., Guerreiro, C., Dias, L. e Costa, J. (2013). *Consumos, Representações e Percepções das Novas Substâncias Psicoativas entre Estudantes Universitários, 2013*. Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências, DMI/ Divisão de Estatística e Investigação.
- Ribeiro, J. (1998). *Dependência Psicológica versus Dependência Física?* *Revista Toxicodependências*, Edição SPTT, Vol. 4, N.º 2, pp. 45 – 53.
- Richard, D.; Pirot, S. e Senon, J. L. (2002). As principais “drogas”. In: P. Angel; D. Richard e M. Valleur. *Toxicomanias* (M. C. Correia, Trad.). Lisboa, Climepsi Editores, pp. 103 – 163 (Original publicado em 2000).
- Rodgers, D. (1999). *Youth Gangs and Violence in Latin America and the Caribbean: a Literature Survey*. [Em linha.] Disponível em <http://www-wds.worldbank.org/servlet/WDSContentServer/IW3P/IB/1999/11/19/000094946_99110405535016/Rendered/PDF/multi_page.pdf>. [Consultado em 14/07/2014].
- Rodgers, D. (2002). *“We live in a state of siege”: violence, crime and gangs in post-conflict Nicaragua*. [Em linha.] Disponível em <<http://www.lse.ac.uk/internationalDevelopment/pdf/WP/WP36.pdf>>. [Consultado em 14/07/2014].

Schneider, S. (2013). *Violence, Organized Crime, and Illicit Drug Markets – A Canadian case study*. Sociologia, Problemas e Práticas, n.º 71, pp. 125 – 143.

Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências (2014a). *Substâncias Psicoativas*. [Em linha.] Disponível em <<http://www.sicad.pt/PT/Cidadao/SubstanciasPsicoativas/Paginas/detalhe.aspx?itemId=17>>. [Consultado em 04/06/2014].

Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências (2014b). *Dissuasão*. [Em linha.] Disponível em <<http://www.sicad.pt/PT/Dissuasao/SitePages/Home%20Page.aspx>>. [Consultado em 04/06/2014].

Silva, L., Malbergier, A., Stempliuk, V. e Andrade, A. (2006). *Fatores associados ao consumo de álcool e drogas entre estudantes universitários*. Revista Saúde Pública, 40 (2), 280-8.

Silva, N. e Graner-Araújo, R. (2011). *O adolescente, tráfico de drogas e função paterna*. Rev. psicol. polít., Vol.11, N.º 21.

South, N. e Wyatt, T. (2011). *Comparing Illicit Trades in Wildlife and Drugs: An Exploratory Study*. Deviant Behavior, 32, pp.538 – 561.

Terroso, L. e Argimon, I. (2013). *Drogadição e adolescência: Uma revisão*. [Em linha.] Disponível em <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0709.pdf>>. [Consultado em 06/06/2014].

Torres, A. e Gomes, M. (2005). *Drogas e Prisões: Relações Próximas*. Revista Toxicodependências, Edição IDT, Vol. 11, N.º2, pp. 23-40.

United States Department of State (2014). *International Narcotics Control Strategy Report – Volume I: Drug and Chemical Control*. [Em linha.] Disponível em <<http://www.state.gov/documents/organization/222881.pdf>>. [Consultado em 16/07/2014].

United Nations Office on Drugs and Crime (2010). *Combating trafficking in persons in accordance with the principles of Islamic law*. Vienna, United Nations.

- United Nations Office on Drugs and Crime (2014a). *Organized Crime*. [Em linha.] Disponível em <<http://www.unodc.org/unodc/en/organized-crime/index.html>>. [Consultado em 10/07/2014].
- United Nations Office on Drugs and Crime (2014b). *World Drug Report*, Vienna, United Nations.
- Varela, C. (2011). *Jovem com 14 anos controlava tráfico junto a escola*. [Em linha.] Disponível em <http://www.jn.pt/PaginalInicial/Seguranca/Interior.aspx?content_id=2144476>. [Consultado em 04/07/2014].
- Vásquez, E., Cunningham, J., Brands, B., Strike, C. e Wright, M. (2009). *Consumo percebido y uso de drogas lícitas e ilícitas en estudiantes universitarios en la Ciudad de Medellín, Colombia*. Revista Latino-Americana de Enfermagem, vol.17. Universidade de São Paulo, pp. 886-892.
- Venetikides, H. e Cordellini, J. (2008). *Drogadição na Adolescência: Um desafio de gestão e de atenção integral*. Revista Igualdade, Livro 41, pp. 55-68.
- Wagner, G. & Andrade, A. (2008). *Uso de álcool, tabaco e outras drogas entre estudantes universitários brasileiros*. Revista de Psiquiatria Clínica 35. Universidade de São Paulo, pp.48-54.

ANEXO I

Questionário

Inquérito por Questionário
Consumo e Tráfico de Drogas entre Universitários

(Laura M. Nunes¹ & Sara Beça²)

Apenas deve responder a este inquérito se for estudante universitário.

Trata-se de um estudo que visa avaliar os consumos de substâncias, e o acesso às mesmas, entre estudantes universitários, procurando-se trazer luz às dinâmicas dos mercados ilegais de drogas em contexto universitário.

Todas as informações que prestar serão anónimas e confidenciais, não havendo respostas certas ou erradas, pelo que lhe pedimos que responda a tudo com a máxima sinceridade, não demorando mais de 15 minutos a fazê-lo.

Muito obrigado

Nº _____

Inquiridor _____

Data ____/____/____

¹ Universidade Fernando Pessoa

² Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar

A. Dados Sociodemográficos

1.1. Sexo: Masculino..... ☐ 1
Feminino..... ☐ 2

1.2. Idade: _____

1.3. Estado Civil: Solteiro(a) ☐ 1
Casado(a) / União de Facto ☐ 2
Divorciado(a) / Separado(a) ☐ 3
Viúvo(a) ☐ 4
Outra ☐ 5

1.5. Ciclo que frequenta: 1º Ciclo (licenciatura)..... ☐ 1
2º Ciclo (mestrado)..... ☐ 2
3º Ciclo (doutoramento) ☒ 3

1.6. Domínio científico (curso que frequenta) _____

1.7. Situação ocupacional Estudante ☐ 1
Trabalhador-Estudante..... ☐ 2

1.8. Diga se está deslocado de casa Sim..... ☐ 1
Não..... ☐ 2

1.8.1. Se respondeu “SIM”, diga quantos Km separam a Universidade de sua casa _____

B. Identificação de Consumos em Contexto Universitário

2.1. Diga se consome (ou consumiu) substâncias ilegais Sim..... ☐ 1
 Não..... ☐ 2

2.2. Se respondeu “SIM” à questão 2.1., assinale a(s) substância(s) que consome ou consumiu (pode assinalar mais que uma opção).

2.2.1. Haxixe..... ☐ 1
2.2.2. Cocaína..... ☐ 2
2.2.3. Heroína..... ☐ 3
2.2.4. Crack..... ☐ 4
2.2.5. (Dietilamina do Ácido Lisérgico) LSD..... ☐ 5
2.2.6. MDMA ou “Ecstasy”..... ☐ 6
2.2.7. Outras..... ☐ 7
2.2.8. Se “OUTRAS”, quais: _____

2.3. Diga se tem colega(s) que consome(m) ou consumiu(ram) substâncias ilegais
 Sim..... ☐ 1
 Não..... ☐ 2

2.4. Se respondeu “SIM” à questão 2.3., assinale a(s) substância(s) mais frequentes que esse(s) colega(s) consome(m) ou consumiu(ram) (pode assinalar mais que uma opção).

2.4.1. Haxixe..... ☐ 1
2.4.2. Cocaína..... ☐ 2
2.4.3. Heroína..... ☐ 3
2.4.4. Crack..... ☐ 4
2.4.5. (Dietilamina do Ácido Lisérgico) LSD..... ☐ 5
2.4.6. MDMA ou “Ecstasy”..... ☐ 6
2.4.7. Outras..... ☐ 7
2.4.8. Se “OUTRAS”, quais: _____

2.5. Assinale as substâncias que lhe parecem ser (mais) consumidas entre os seus colegas da Universidade (pode assinalar mais que uma opção).

2.5.1. Haxixe..... ☐ 1
2.5.2. Cocaína..... ☐ 2
2.5.3. Heroína..... ☐ 3
2.5.4. Crack..... ☐ 4
2.5.5. (Dietilamina do Ácido Lisérgico) LSD..... ☐ 5
2.5.6. MDMA ou “Ecstasy”..... ☐ 6
2.5.7. Outras..... ☐ 7
2.5.8. Se “OUTRAS”, quais: _____

C. Identificação das Particularidades dos Consumos em Contexto Universitário

3. Responda às questões que se seguem, tendo em conta o que conhece por observação ou por experiência própria

3.1. As experiências de consumos entre estudantes universitários ocorrem essencialmente no espaço (pode assinalar mais que uma opção):

- | | | | |
|--------|--|--------------------------|---|
| 3.1.1. | Do <i>campus</i> da Universidade..... | <input type="checkbox"/> | 1 |
| 3.1.2. | Em casa..... | <input type="checkbox"/> | 2 |
| 3.1.3. | Na rua, fora do <i>campus</i> da Universidade..... | <input type="checkbox"/> | 3 |
| 3.1.4. | Outro..... | <input type="checkbox"/> | 4 |
| 3.1.5. | Se “OUTRO”, qual: _____ | | |

3.2. As experiências de consumos entre estudantes universitários ocorrem essencialmente no período correspondente a (pode assinalar mais que uma opção):

- | | | | |
|--------|---|--------------------------|---|
| 3.2.1. | Época de aulas (durante o fim de semana)..... | <input type="checkbox"/> | 1 |
| 3.2.2. | Época de aulas (durante a semana)..... | <input type="checkbox"/> | 2 |
| 3.2.3. | Durante a noite..... | <input type="checkbox"/> | 3 |
| 3.2.4. | Durante o dia..... | <input type="checkbox"/> | 4 |
| 3.2.5. | No horário de aulas..... | <input type="checkbox"/> | 5 |
| 3.2.6. | Fora do horário de aulas..... | <input type="checkbox"/> | 6 |
| 3.2.7. | Outro..... | <input type="checkbox"/> | 7 |
| 3.2.8. | Se “OUTRO”, qual: _____ | | |

D. Identificação das Particularidades do Acesso às Drogas em Contexto Universitário

4. Responda às questões que se seguem, tendo em conta o que conhece por observação ou por experiência própria

4.1. A aquisição/venda de drogas pelos estudantes universitários faz-se no(s) local(ais) seguinte(s) (pode assinalar mais que uma opção):

- | | | | |
|--------|--|--------------------------|---|
| 4.1.1. | No <i>campus</i> da Universidade..... | <input type="checkbox"/> | 1 |
| 4.1.2. | Em casas particulares..... | <input type="checkbox"/> | 2 |
| 4.1.3. | Na rua, fora do <i>campus</i> da Universidade..... | <input type="checkbox"/> | 3 |
| 4.1.4. | Na rua, nas imediações da Universidade..... | <input type="checkbox"/> | 4 |
| 4.1.5. | Nos bares da Universidade..... | <input type="checkbox"/> | 5 |
| 4.1.6. | Nas salas de aula..... | <input type="checkbox"/> | 6 |
| 4.1.7. | Outro..... | <input type="checkbox"/> | 7 |
| 4.1.8. | Se “OUTRO”, qual: _____ | | |

4.2. A aquisição/venda de drogas aos estudantes universitários é assegurada por (pode assinalar mais que uma opção):

- | | | | |
|---------------|---|--------------------------|---|
| 4.2.1. | Estudantes universitários que também consomem..... | <input type="checkbox"/> | 1 |
| 4.2.2. | Estudantes universitários que não consomem..... | <input type="checkbox"/> | 2 |
| 4.2.3. | Indivíduos externos à Universidade que também consomem..... | <input type="checkbox"/> | 3 |
| 4.2.4. | Indivíduos externos à Universidade que não consomem..... | <input type="checkbox"/> | 4 |
| 4.2.5. | Outro..... | <input type="checkbox"/> | 5 |
| 4.2.6. | Se “OUTRO”, qual: _____ | | |

4.3. Acrescente alguma informação sobre a venda de drogas a estudantes universitários que, não tendo sido aqui colocada, lhe pareça importante

Muito Obrigado pela sua Colaboração